

OS PEQUENOS E MÉDIOS ESTABELECEMENTOS INDUSTRIAIS NORDESTINOS: PADRÕES DE DISTRIBUIÇÃO E FATORES CONDICIONANTES*

Miguel Ângelo Campos Ribeiro**
Roberto Schmidt de Almeida**

INTRODUÇÃO

O presente trabalho difere da clássica abordagem que normalmente se dá ao tema indústria, principalmente quando se trata do Nordeste brasileiro.

O enfoque nas políticas de industrialização orientadas pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE - e a ênfase dada à chamada grande empresa industrial de caráter formal (tipicamente urbana e quase sempre localizada em grandes

metrópoles, centros submetropolitanos ou capitais regionais) sempre tiveram prioridade nas análises tanto dos economistas quanto dos geógrafos industriais. Entretanto, um conjunto de atividades industriais que, se não representa em termos de valor da produção um elevado grau de importância, em se tratando do número de estabelecimentos, de pessoal ocupado e de relações preferenciais com o comércio orientado para as camadas mais pobres da sociedade, desempenha um considerável papel na economia local, contribuindo para a redução do êxodo regional e, de certa forma, gerando condi-

* Recebido para publicação em 17 de agosto de 1990.

** Analistas Especializados da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE -, do Departamento de Geografia - DEGEO.

Os autores gostariam de agradecer a algumas pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que essa pesquisa fosse feita: Roberto Lobato Azevedo Correa que com sua arguta visão do espaço brasileiro nos incentivou a procurar novas maneiras de "ver" o processo de industrialização nordestina; Maria Luiza Gomes Castelo Branco, que com suas experiências anteriores de trabalhos com os dados dos Censos Industriais foi em certas ocasiões uma espécie de "advogada do diabo" quanto ao uso de algumas variáveis em relação a outras; ao grupo do GEDIS/CDDI, através de Luiza Figueira Teixeira, Kepler Mauro de Mendonça Magalhães e Adolfo Luiz Brancos Vianna, que foram incansáveis na procura de soluções possíveis e rápidas para as tabulações especiais solicitadas; a Manoel Antonio Soares da Cunha, da Coordenadoria do Censo Agropecuário; à equipe de ilustrações do DEGEO, através de Pedro Marcílio da Silva Leite, Regina Célia Silva Alonso, Paulo Afonso Melo da Silva e José Alfredo Casado Almeida, que confeccionou os mapas finais; ao nosso colaborador técnico Edson Faria Ferreira, que elaborou as primeiras versões dos mapas; a Vânia Maria da Cruz pela versão preliminar e final da micrografia; a Roberto Lobato Azevedo Correa, Maristela de Azevedo Brito e Olga Maria Buarque de Lima Fredrich, pelas valiosas críticas e sugestões; e a Olíndina Vianna Mesquita, pelas sugestões e finas observações críticas ao texto final.

As imperfeições do trabalho são de nossa exclusiva responsabilidade.

ções de qualificação da mão-de-obra. Trata-se do conjunto formado pelas pequenas e médias indústrias.

A principal contribuição para o tema foi dada por Santos (1979), que tratou, de uma forma mais ampla, de um contingente de atividades econômicas que, ao contrastar em termos de tamanho e eficiência com o conjunto das chamadas empresas formais, permitiu ao autor identificar dois grandes circuitos econômicos que, apesar de aparentemente dissociados, apresentam níveis de interdependência em suas ligações materiais e financeiras. Tais circuitos foram denominados de superior e inferior da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Essa composição bipolarizada não se caracteriza pela rigidez, mas é possível perceber que “cada circuito se define por: 1) o conjunto das atividades realizadas em certo contexto; 2) o setor da população que se liga a ele essencialmente pela atividade e pelo consumo” (p. 33).

Milton Santos listou e comparou algumas das características concernentes aos dois circuitos, no que tange à tecnologia e organização administrativa/financeira (Quadro 1).

O autor também subdividiu o circuito superior em duas formas de organização: o circuito superior e o circuito superior marginal. No enquadramento da atividade industrial nessas formas de organização, apoiado em estudo realizado em Guadalajara (México), Santos assume que a primeira forma seria... “um setor de indústrias maduras desde a sua instalação, e compreendendo as empresas inteiramente modernas e sem disparidades de organização no interior de cada ramo”. E a segunda seria... “um setor onde a concorrência ainda é possível entre indústrias de diferentes níveis de técnica, de capital, de porte do estabelecimento e de mão-de-obra. As disparidades aqui são importantes (GRIFO NOSSO), a procura de homogeneidade é possível em alguns ramos e impossível

QUADRO 1
CARACTERÍSTICAS DOS DOIS CIRCUITOS DA
ECONOMIA URBANA DOS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS

	CIRCUITO SUPERIOR	CIRCUITO INFERIOR
Tecnologia	capital intensivo	trabalho intensivo
Organização	burocrática	primitiva
Capitais	importantes	reduzidos
Emprego	reduzido	volumoso
Assalariado	dominante	não obrigatório
Estoques	grande quantidade e/ou alta qualidade	pequena quantidade, qualidade inferior
Preços	fixos (em geral)	submetidos a discussão entre comprador e vendedor (<i>haggling</i>)
Crédito	bancário institucional	pessoal não institucional
Margem de lucro	reduzida por unidade, mas importante pelo volume de negócios (exceção produtos de luxo)	elevada por unidade, mas pequena em relação ao volume de negócios
Relações com a clientela ..	impessoais e/ou com papéis	diretas, personalizadas
Custos fixos	importantes	desprezíveis
Publicidade	necessária	nula
Reutilização dos bens	nula	freqüente
Overhead capital	indispensável	dispensável
Ajuda governamental	importante	nula ou quase nula
Dependência direta do exterior	grande, atividade voltada para o exterior	reduzida ou nula

FONTE - Espaço Dividido - M. Santos (1979:34).

em outros, onde o peso de uma população em crescimento e de baixo nível de vida representa uma possibilidade de manutenção das formas menos modernas” (p. 81).

Para Milton Santos e outros autores por ele citados, o Governo e o mercado dão o tom nessa coexistência de dois grupos de indústrias que, apesar de estarem no chamado circuito superior, possuem estruturas de custo distintas e, conseqüentemente, preços e consumidores também diferentes. As dissimilaridades entre o grupo da petroquímica de Camaçari e a produção de óleos vegetais ou a clássica indústria têxtil de algodão são exemplos eloqüentes de que essa subdivisão proposta por M. Santos faz muito sentido.

O presente estudo trata de oito atividades industriais típicas da Região Nordeste (Quadro 2), que se inserem em algumas características consideradas como pertencentes aos circuitos inferior e superior marginal, tais como: pouco capital envolvido, baixa tecnolo-

gia, fraca estruturação organizacional, baixo volume de estoques, transações creditícias em nível pessoal, geralmente não formalizadas legalmente, como também sua estrutura de relações com a clientela, que não exige um aparato publicitário, a não ser a troca de informações interclientes.

A escolha das mesmas foi feita após um processo de discussão que contou com uma análise da Classificação de Atividades dos Censos Industriais de 1970 e 1980 e da verificação, através de tabulações especiais, do nível de participação dessas atividades nos municípios nordestinos, tanto em termos de número de estabelecimentos quanto de pessoal ocupado. Além disso procuraram-se atividades que fossem representativas de alguns setores industriais mais tradicionais, como o alimentar e bebidas, o têxtil e a química de beneficiamento de produtos primários, que sempre mostraram fortes ligações com o mundo rural da região.

QUADRO 2
EVOLUÇÃO DOS PADRÕES ESPACIAIS DAS ATIVIDADES ESCOLHIDAS
1970 - 1980

ATIVIDADES INDUSTRIAIS	PRINCIPAL VINCULAÇÃO		PADRÃO ESPACIAL CARACTERÍSTICO E SUA INTENSIDADE								INDICADOR DE TENDÊNCIA 70/80
			1970				1980				
	Quadro Rural	Quadro Urbano	Concentração		Dispersão		Concentração		Dispersão		
			Alta	Média	Alta	Média	Alta	Média	Alta	Média	
1- Preparação do Fumo	X		X				X				C --> D
2 - Artefatos de Selaria	X	X			X				X		C <-- D
3- Fabricação de Redes	X	X			X		X				C <-- D
4 - Artigos Pirotécnicos		X			X		X				C <-- D
5 - Óleos Vegetais	X		X				X				C <--> D
6 - Farinha de Mandioca	X	X	X						X		C --> D
7 - Aguardente.....	X				X				X		C <-- D
8 - Açúcar Bruto e Rapadura	X		X				X				C <-- D

FONTE - IBGE - Censos Industriais 1970 e 1980.

C = Concentração

D = Dispersão

<--> Estável

As oito atividades industriais selecionadas no Censo Industrial de 1980, e posteriormente cotejadas com o Censo Industrial de 1970, forneceram alguns padrões espaciais de um processo de industrialização que envolveu, fundamentalmente, os pequenos e médios estabelecimentos fabris que ou estão intimamente ligados à produção rural local ou se vinculam a algumas funções urbanas, características de localidades centrais de porte médio e pequeno.

Uma análise do Quadro 2 oferece algumas evidências sobre alguns processos de concentração/dispersão que ocorreram com as pequenas e médias indústrias no Nordeste entre os anos censitários de 1970 e 1980. No que tange às vinculações da atividade industrial aos quadros rurais ou urbanos, nota-se que quatro atividades vinculam-se preferencialmente ao mundo rural, pois, geralmente, são indústrias localizadas junto às áreas produtoras em razão do volume e da perecibilidade de suas matérias-primas; os seus canais de comercialização se ligam diretamente a atacadistas e varejistas localizados em centros urbanos de maior hierarquia, havendo, portanto, pouca vinculação com o centro urbano sede do município onde se localiza a fábrica. A produção de óleos vegetais, de aguardente de açúcar e rapadura e a de preparação de fumo em folha, rolo e corda são atividades classificadas com essa vinculação.

As atividades de fabricação de artefatos de selaria, de redes de dormir e de farinha de mandioca vinculam-se tanto ao rural quanto ao urbano, pois são atividades que podem ser desenvolvidas tanto nas fazendas quanto em estabelecimentos urbanos, pois seus canais de comercialização tanto das matérias-primas quanto dos produtos finais não sofrem maiores restrições em termos de volume ou perecibilidade.

A única atividade tipicamente urbana é a fabricação de artigos pirotécnicos, em virtude de suas matérias-primas sofrerem forte controle das autoridades militares e policiais e de seus canais de comercialização praticamente se restringirem às relações entre o produtor e o consumidor final, geralmente morador no centro urbano, que comemora festas religiosas e acontecimentos políticos.

No que se refere à evolução entre 70 e 80 dos padrões espaciais dessas atividades industriais selecionadas, foi possível verificar dois grandes grupos: os que não apresentaram modificações em seus padrões de loca-

lização entre os Censos Industriais de 1970 e 1980 e os que exibiram modificações nos seus padrões espaciais, em termos de concentração ou dispersão de suas indústrias.

No primeiro grupo, três atividades tiveram os seus respectivos padrões espaciais mantidos: a preparação do fumo com o padrão altamente concentrado, a fabricação de óleos vegetais com o padrão tendendo a concentrado e a fabricação de artigos de selaria, com a manutenção, entre 1970 e 1980, de um padrão altamente disperso.

O segundo grupo, isto é, os que sofreram modificações em seus padrões, foi dividido em dois subgrupos: os que apresentaram modificações de um padrão disperso para um concentrado e os que mostraram modificações no sentido inverso, da concentração para a dispersão entre os Censos de 1970 e 1980. O primeiro subgrupo foi composto por três situações distintas: as atividades de fabricação de artigos pirotécnicos e redes de dormir sofreram modificações, indo de um padrão espacial tendendo a disperso em 70 para um medianamente concentrado em 1980, a fabricação de aguardente modifica-se, partindo de um padrão altamente disperso para um altamente concentrado, e a fabricação de açúcar em bruto sofre, também, uma modificação de padrão, indo do concentrado em 70 para o altamente concentrado em 80.

No caso de modificação de um padrão concentrado para um disperso, a atividade de fabricação de farinha de mandioca apresenta essa alteração, indo de um padrão de concentração média em 70 para um disperso em 80.

O Quadro 2 indica, também, a tendência percebida entre 1970 e 1980 para a concentração, dispersão ou estabilidade de cada atividade e é possível verificar que, por exemplo, a atividade de preparação de fumo, apesar de apresentar o mesmo padrão altamente concentrado, mostra uma tendência à dispersão, pois essa atividade tende a implantar-se em outros municípios do Recôncavo e norte da Bahia. Mostra, também, uma forte tendência à concentração de atividades outrora ubíquas, como é o caso da fabricação de aguardente e de artigos de selaria.

A seguir será detalhada cada uma dessas atividades, analisando as variações do seu comportamento espacial, as alterações no número de estabelecimentos e no pessoal ocupado e estabelecendo as relações entre os diferentes processos econômicos e so-

ciais que possam explicar tais variações ocorridas no período 1970/80.

PADRÕES DE DISTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES SELECIONADAS

Preparação do Fumo: folha, rolo, corda

Esta atividade está atrelada à cultura fumaqueira que se desenvolveu desde os Séculos XVI e XVII na Região do Recôncavo Baiano, servindo inicialmente para troca (escambo) pelo negro proveniente da África. Trata-se de uma atividade tradicional especializada na produção de fumos, indo dos de alta qualidade, tais como o capeiro, utilizado na fabricação de charutos e cigarrilhas, produtos de alto valor no mercado nacional e internacional, aos de corda e rolo, para atender à demanda do consumidor local e inter-regional de baixo poder aquisitivo. A produção dessa área não concorre com a fabricação de fumos de cigarros, para o mercado nacional, que tem suas áreas de produção na Região Sul.

Em 1980 (Tabela 1/Mapa 1) esta atividade de estava concentrada em 18 municípios, totalizando 51 estabelecimentos com 2 518 pessoas ocupadas. Dos 18 municípios, 13 estavam localizados no Recôncavo Baiano; os cinco restantes encontravam-se em Patos (PB), Lagoa da Canoa (AL), Antas, Antônio Gonçalves e Jaguarí, na Bahia. Convém mencionar que em Lagoa da Canoa uma única empresa detém 20,45% do pessoal total dessa atividade, representado pela Ermor Indústria e Comércio de Fumos Ltda., subsidiária da multinacional alemã - Gebruder Kulenkampf, que trata principalmente da comercialização do produto, embora desenvolva todo um processo de beneficiamento da folha capeiro.

Pode-se dizer que o padrão encontrado em 1970 era altamente concentrado, pois somente seis municípios do Recôncavo Baiano, com dez estabelecimentos e 474 empregados, detinham o controle dessa atividade. Em 1980, houve um aumento do número de municípios com essa atividade, mas o padrão concentrado permaneceu, fato explicado, em parte, pela expansão da cultura fumaqueira na Região do Recôncavo e o crescimento das empresas alagoanas atreladas à produção tradicional do fumo em corda e rolo.

A concentração da atividade ainda se faz sentir quando se analisa a distribuição do número de estabelecimentos por municípios (Tabelas 2 e 3), pois tanto para 1970 como para 1980 predominaram estabelecimentos únicos. O mesmo se verifica para o pessoal ocupado, pois se, em 1970, quatro municípios detinham estabelecimentos na faixa de mais de 100 a 500 empregados, o mesmo padrão foi verificado para 1980, caracterizando uma relativa estabilidade nos estabelecimentos desse porte. Como se pode concluir, esta atividade concentra sua produção em estabelecimentos de grande porte, fato mais uma vez explicado pela entrada de firmas importantes, sobretudo na Região do Recôncavo Baiano.

Artefatos de Selaria e Correaria para Viagem e Uso Pessoal

Essa atividade vincula-se à pecuária, que se expandiu a partir do Século XVI, ocupando o Sertão nordestino e servindo de elo de ligação entre essa zona e o litoral.

O rebanho nordestino teve um aumento de 55,1% na década de 70, sendo que a Região do Agreste apresenta o maior adensamento desse rebanho, além de algumas unidades litorâneas contíguas a essa área. Fora dessa faixa, destacam-se, pela maior densidade do rebanho, unidades localizadas na parte meridional da Bahia, no médio São Francisco e no norte do Maranhão. O aumento desse rebanho e sua expansão, em detrimento de áreas de lavouras, ligam-se a projetos voltados para a pecuária de corte, incentivados pela SUDENE e por bancos oficiais como o Banco do Brasil, BNB e Banco da Bahia, que forneceram crédito a médio prazo e com juros baixos, permitindo que os fazendeiros expandissem essa atividade. Além desse fato, a conclusão da rodovia BR-101 veio a favorecer a expansão das pastagens, na porção meridional da Bahia. Segundo Brito (1987, p.88-90) "Essa rodovia, bem como outras estradas que foram construídas ou asfaltadas no mesmo período, facilitou a comercialização dos produtos agropecuários do sudeste da Bahia, entre os quais assumiram papel importante o gado de corte e a produção leiteira, tendo esta passado a fornecer uma renda suplementar mais significativa aos pecuaristas". Diante dessa apreciação, a atividade que iremos analisar apresentava-se localizada em 171 municípios em 1980 (Tabela 4/Mapa 2), com 458 estabeleci-

TABELA 1

EVOLUÇÃO DA ATIVIDADE DE PREPARAÇÃO DO FUMO:
FOLHA, ROLO, CORDA
1970-1980

ESTADOS	ATIVIDADE EM 1970			PERDERAM A ATIVIDADE			MANTIVERAM A ATIVIDADE		
	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado
TOTAL	8	12	496	2	2	22	6	10	488
MA									
PI									
CE									
RN									
PB	1	1	7	1	1	7			
PE									
AL									
SE									
BA	7	11	489	1	1	15	6	10	488

ESTADOS	RECEBERAM A ATIVIDADE			ATIVIDADE EM 1980			INDICADOR DE TENDÊNCIA 70/80 DA ATIVIDADE
	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	
TOTAL	12	41	2 030	18	51	2 518	↑
MA							
PI							
CE							
RN							
PB	1	1	22	1	1	22	↑
PE							
AL	1	1	515	1	1	515	↑
SE							
BA	10	39	1 493	16	49	1 981	↑

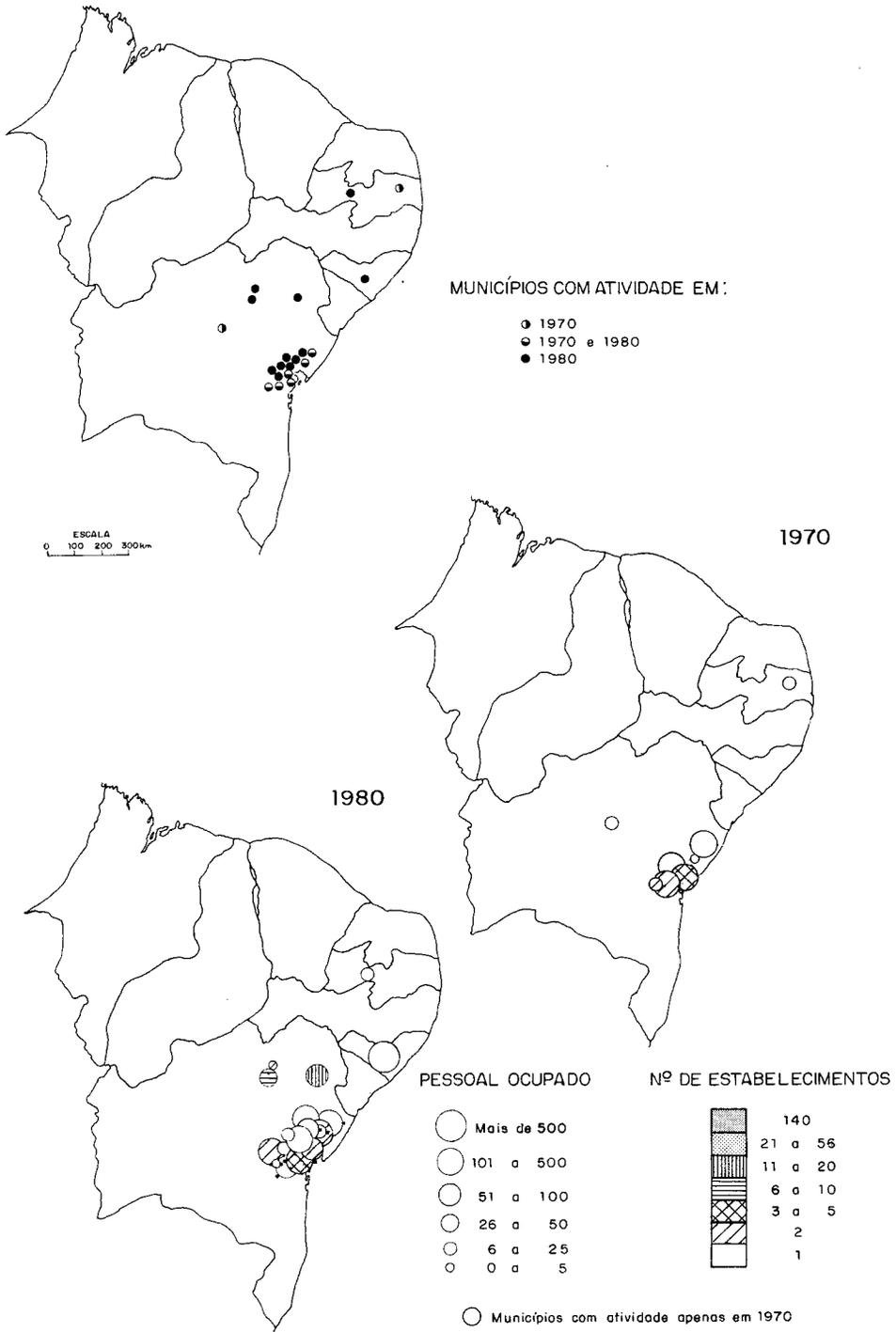
FONTE - IBGE - Censos Industriais 1970 e 1980.

↓ = Diminuiu

↑ = Cresceu

↔ = Estável

MAPA 1
 REGIÃO NORDESTE
 PREPARAÇÃO DO FUMO: FOLHA, ROLO, CORDA



Fonte - Censo Industrial 1970 e 1980 - IBGE

TABELA 2

ATIVIDADE: PREPARAÇÃO DO FUMO - FOLHA, ROLO, CORDA
NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E PESSOAL OCUPADO POR CLASSES
1970

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS						
		1	2	3 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 56	140
TOTAL	8	5	2	1				
MA								
PI								
CE								
RN								
PB	1	1						
PE								
AL								
SE								
BA	7	4	2	1				

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	PESSOAL OCUPADO					
		0 a 5	6 a 25	26 a 50	51 a 100	101 a 500	+ 500
TOTAL	8	2	2			4	
MA							
PI							
CE							
RN							
PB	1	1					
PE							
AL							
SE							
BA	7	1	2			4	

TABELA 3

ATIVIDADE: PREPARAÇÃO DO FUMO - FOLHA, ROLO, CORDA
NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E PESSOAL OCUPADO POR CLASSES
1980

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS						
		1	2	3 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 56	140
TOTAL	18	11	4	1	1	1		
MA								
PI								
CE								
RN								
PB	1	1						
PE								
AL	1	1						
SE								
BA	16	9	4	1	1	1		

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	PESSOAL OCUPADO					
		0 a 5	6 a 25	26 a 50	51 a 100	101 a 500	+ 500
TOTAL	18	2	4	1	4	6	1
MA							
PI							
CE							
RN							
PB	1	1					
PE							
AL	1						1
SE							
BA	16	2	3	1	4	6	

mentos, num total de 1 833 empregados, sendo que desse total 84 municípios já existiam em 1970 e no decorrer da década de 70 aparecem os 87 restantes. Cabe ao Estado da Bahia concentrar 44,1% do total de estabelecimentos e 40,2% do pessoal ocupado, seguido de Pernambuco, com 16,8% e 24,5%, respectivamente, nessas duas variáveis.

Essa atividade, em 1970, apresentava-se distribuída de forma ubíqua pela Região Nordeste, ocupando praticamente todos os espaços do Agreste, Sertão e parte oriental do que se considera popularmente como Meio-Norte (Maranhão e Piauí). Em 1980, verifica-se o desaparecimento da mesma em pelo menos 162 municípios. O maior adensamento encontrava-se no Agreste, acompanhando a concentração do rebanho.

Em termos espaciais, as grandes perdas verificaram-se nos Estados do Maranhão e Piauí.

Quanto à distribuição do número de estabelecimentos e pessoal ocupado por municípios (Tabelas 5 e 6), para os referidos anos, o padrão é o mesmo, pois existe forte concentração nos municípios de estabelecimentos únicos, seguido pelos de 2 e de 3 a 5, enquanto os mesmos empregam pequenos contingentes de mão-de-obra, pois se encontram nas faixas de 0 a 5 e de 6 a 25 empregados, sendo que, em 1980, 64,9% estavam na primeira faixa e 27,5% na segunda, denotando a predominância nesta atividade de estabelecimentos de pequeno porte.

Se em 1970 destacavam-se nessa atividade, quanto ao pessoal ocupado, os Municípios de Carpina (68), Salgueiro (44) e Gravatá (36), em Pernambuco; e Alagoinhas (23) e Itapetinga (18), na Bahia; em 1980 aparecem Alagoinhas (237), Salgueiro (179), Tucano (130), na Bahia; Itaporanga d'Ajuda (112), em Sergipe; Itabaiana (90), na Paraíba; e Carpina (75), em Pernambuco. São municípios que, na sua maioria, estão localizados na zona agrestina e faixa limítrofe desta área com a Zona da Mata, com exceção de Salgueiro, que se encontra no Sertão Pernambucano. Desses centros, Alagoinhas e Salgueiro apresentam os maiores valores de pessoal ocupado, da ordem de 12,9% e 9,8%. Tal fato denota uma concentração dessa atividade nesses dois municípios, não só em nível regional mas, principalmente, em nível estadual, levando a crer que nos mesmos são produzidas mercadorias de mais alto alcance, não verificadas naqueles centros de menores valores nessas duas variáveis.

Pode-se concluir que houve uma tendência à concentração dessa atividade em centros de hierarquia mais elevada, não necessitando estarem próximos às áreas criatórias, pois se trata de uma atividade urbana, apesar de estar intimamente vinculada ao mundo rural, tanto no que diz respeito à matéria-prima como aos seus produtos finais, muitos deles ligados à criação. Pode-se hipotetizar que à medida que os eixos rodoviários foram sendo construídos ou asfaltados, vieram facilitar a comercialização dos produtos agropecuários, sobretudo do couro.

Fabricação de Redes - Exclusive para Pesca

Essa atividade, que exclui, para fins da presente análise, a fabricação de redes para pesca, vincula-se diretamente aos cultivos das fibras têxteis vegetais, muito difundidos no interior nordestino, tais como o algodão, o sisal e o caroá. É importante ressaltar, também, a relação dessa atividade com uma tradição da tecelagem artesanal ainda bastante disseminada no Sertão.

Com a introdução, no mercado nacional, das fibras têxteis artificiais, a tendência foi a de que esses cultivos sofressem uma certa retração, devido à falta de estímulos oficiais no que concerne à assistência técnica, pesquisa agrícola e crédito rural. Atualmente, a tecelagem de redes utiliza não só a matéria-prima natural como também os fios sintéticos procedentes do Sudeste. Nesse caso, os fios são trazidos por caminhoneiros e entregues sob consignação aos tecelões. As redes prontas são transportadas e distribuídas por esses caminhoneiros a ambulantes e pequenos comerciantes que as vendem nos grandes centros da Região Centro-sul e em municípios praiheiros. A difusão do uso das redes de dormir fora do Nordeste se dá de duas formas: nos grandes centros, a quantidade de migrantes nordestinos que preservam seus hábitos culturais garante um bom mercado. Além disso, o uso corriqueiro de redes nas regiões praijeiras (locais de segunda residência de habitantes dos grandes centros) também garante outro mercado para as redes nordestinas.

No caso nordestino, a utilização da rede de dormir relaciona-se tanto às condições climáticas dominantes que condicionam o hábito de dormir em redes quanto ao baixo

TABELA 4
EVOLUÇÃO DA ATIVIDADE DE ARTEFATOS DE SELARIA
E CORREARIA PARA VIAGEM E USO PESSOAL
1970-1980

ESTADOS	ATIVIDADE EM 1970			PERDERAM A ATIVIDADE			MANTIVERAM A ATIVIDADE		
	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado
TOTAL	246	594	1 271	162	316	574	84	263	1 307
MA	34	73	148	29	58	115	5	6	14
PI	33	79	118	22	47	65	11	19	63
CE	28	57	97	17	36	52	11	26	61
RN	13	15	45	9	10	28	4	9	40
PB	16	23	65	12	13	44	4	19	114
PE	33	100	321	16	45	88	17	32	368
AL	8	15	36	5	9	18	3	6	14
SE	14	37	71	7	11	24	7	27	65
BA	67	195	370	45	87	140	22	119	568

ESTADOS	RECEBERAM A ATIVIDADE			ATIVIDADE EM 1980			INDICADOR DE TENDÊNCIA 70/80 DA ATIVIDADE
	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	
TOTAL	87	204	526	171	458	1 833	↔
MA	2	2	3	7	8	17	↓
PI	4	6	14	15	25	77	↓
CE	10	24	64	21	50	125	↔
RN	7	11	24	11	20	64	↔
PB	10	12	32	14	31	146	↑
PE	19	44	81	36	77	449	↔
AL	5	7	21	8	13	35	↔
SE	4	5	118	11	32	183	↔
BA	26	83	169	48	202	737	↑

FONTE - IBGE - Censos Industriais 1970 e 1980.

↓ = Diminuiu

↑ = Cresceu

↔ = Estável

MAPA 2
 REGIÃO NORDESTE
 ARTEFATOS DE SELARIA E CORREARIA PARA VIAGEM E USO PESSOAL
 (COUROS E PELES)

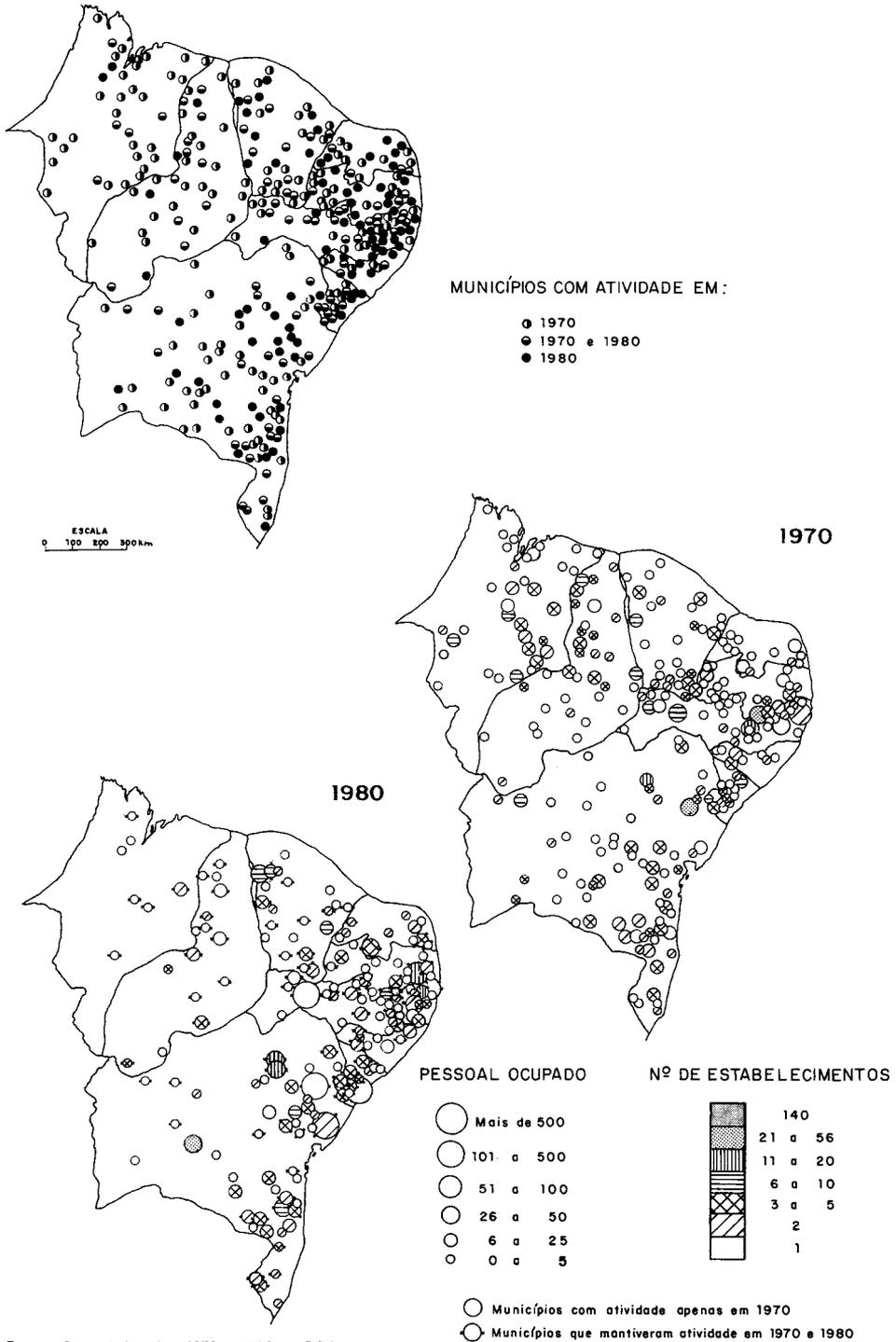


TABELA 5

ATIVIDADE: ARTEFATOS DE SELARIA E CORREARIA PARA VIAGEM E USO PESSOAL
NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E PESSOAL OCUPADO POR CLASSES
1970

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS						
		1	2	3 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 56	140
TOTAL	246	133	47	50	11	3	2	
MA	34	20	5	6	3			
PI	33	14	6	11	2			
CE	28	15	4	8	1			
RN	13	11	2					
PB	16	12	2	2				
PE	33	21	7	1	2	1	1	
AL	8	4	2	2				
SE	14	7	3	2	2			
BA	67	29	16	18	1	2	1	

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	PESSOAL OCUPADO					
		0 a 5	6 a 25	26 a 50	51 a 100	101 a 500	+ 500
TOTAL	246	179	61	4	2		
MA	34	21	13				
PI	33	26	7				
CE	28	22	6				
RN	13	11	2				
PB	16	13	3				
PE	33	24	4	4	1		
AL	8	6	2				
SE	14	11	3				
BA	67	45	21		1		

TABELA 6

ATIVIDADE: ARTEFATOS DE SELARIA E CORREARIA PARA VIAGEM E USO PESSOAL
 NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E PESSOAL OCUPADO POR CLASSES
 1980

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS						
		1	2	3 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 56	140
TOTAL	171	90	38	30	7	4	2	
MA	7	6	1					
PI	15	10	2	3				
CE	21	12	4	2	3			
RN	11	4	5	2				
PB	14	10	1	2		1		
PE	36	21	9	4	1	1		
AL	8	4	3	1				
SE	11	4	1	5	1			
BA	48	19	12	11	2	2	2	

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	PESSOAL OCUPADO					
		0 a 5	6 a 25	26 a 50	51 a 100	101 a 500	+ 500
TOTAL	171	111	47	7	2	4	
MA	7	6	1				
PI	15	11	4				
CE	21	15	5	1			
RN	11	8	2	1			
PB	14	10	3		1		
PE	36	25	8	1	1	1	
AL	8	5	3				
SE	11	5	5				1
BA	48	26	16	4		2	

poder aquisitivo da maioria da população sertaneja.

Essa atividade, em 1970 (Tabela 7/Mapa 3), apresentava-se mais interiorizada e se distribuía por um número maior de municípios, num total de 46, dos quais 32 perderam essa atividade. A nível estadual, a grande perda verificou-se no Piauí, onde, em 1980, já não se destacava qualquer dos municípios. Tal situação se deve, principalmente, a dois processos de substituição da cultura do algodão, fornecedora da matéria-prima dessas tecelagens. O primeiro foi a introdução da cultura do caju na faixa próxima ao litoral e o segundo, na porção sul do estado, constituiu a introdução das pastagens plantadas para a prática da pecuária extensiva. Nos demais estados, a perda de importância dessa atividade se deu em proporções menores. Em 1980, esta indústria estava concentrada em 31 municípios, com 302 estabelecimentos, e um total de 2 251 empregados, cabendo ao Estado da Paraíba concentrar 56,0% dos estabelecimentos e 55,2% do pessoal ocupado, seguido pelo Ceará com 24,5% e 29,8% respectivamente.

Quanto às distribuições do número de estabelecimentos e do pessoal ocupado por municípios (Tabelas 8 e 9), nos dois referidos anos, o padrão apresenta-se o mesmo, pois existe forte concentração de estabelecimentos únicos, sendo que em 1970 o percentual foi da ordem de 56,5% nessa classe, contra 48,4% em 1980. Para o pessoal ocupado, tais estabelecimentos empregam pequenos contingentes de mão-de-obra, predominando as classes de 0 a 5 e de 6 a 25 empregados, sendo que para os dois referidos anos mais de 50,0% estavam na classe de 6 a 25. Convém ressaltar que, em 1980, três municípios apresentavam estabelecimentos com pessoal ocupado na classe de 101 a 500 empregados.

Se em 1970 destacava-se nessa atividade, quanto ao número de estabelecimentos e pessoal ocupado, o município cearense de Jaguaruana com 17 estabelecimentos e 185 empregados, em 1980 este número aumenta, pois quatro municípios vão apresentar valores consideráveis, sobretudo quanto ao pessoal ocupado, estando incluídos São Bento, no interior da Paraíba, com 82,8% do número de estabelecimentos do estado e 46,3% do Nordeste e 78,3% do pessoal ocupado do estado e 43,2% do Nordeste, seguido de Jaguaruana, próximo ao litoral nordeste do Ceará, com 75,7% do número de estabelecimentos do estado e 18,5% do

Nordeste e 72,6% do pessoal ocupado do estado e 21,6% do Nordeste. Ainda podem ser citados Jardim de Piranhas e Brejo do Cruz, localizados no sertão do Rio Grande do Norte e da Paraíba. As principais áreas produtoras de redes encontram-se na região do Alto Piranhas e do Seridó, na região cearense limitada pelos rios Jaguaribe, Choró e a serra de Baturité, e na área compreendida entre os rios Itapecuru e Mearim, no Maranhão.

Fabricação de Artigos Pirotécnicos

A fabricação de artigos pirotécnicos é uma atividade *sui generis* no elenco de atividades industriais aqui analisadas, pois apesar de trabalhar basicamente com matérias-primas importadas e sujeitas a um rígido controle pelo Ministério do Exército, por operar com substâncias explosivas, ainda assim estava presente em 67 municípios nordestinos em 1980.

Atividade industrial muito próxima do artesanato, a fabricação de artigos pirotécnicos não se apresenta como uma indústria absorvedora de mão-de-obra ou com altos valores de produção e de transformação industrial; é tipicamente familiar e/ou corporativa, e sua localização é fundamentalmente urbana.

Suas vinculações com a tradição nordestina de festividades religiosas são extremamente fortes, tanto assim que muitos dos centros urbanos somente ativam essas indústrias nos períodos das festas do mês de junho, onde são reverenciados os santos católicos Santo Antônio, São João e São Pedro e em ocasiões especiais, como períodos eleitorais.

De 1970 a 1980 (Tabela 10 / Mapa 4) houve um processo de desaparecimento da atividade, no Sertão, e uma concentração no Agreste e Zona da Mata, que além de conservar essa atividade em mais de 20 municípios ainda viu surgir essa indústria em quase 40 novos municípios do Rio Grande do Norte à Bahia.

A relação entre o processo de esvaziamento dessa atividade no Sertão e de seu incremento no Agreste pode ser associada ao período político discricionário por que passou o Brasil na década de 70. O uso e a posse de produtos explosivos passaram a sofrer um forte controle por parte das autoridades militares e policiais, o que possivelmente inviabilizou a atividade em municípios onde não houvesse uma estrutura corporativa forte e "politicamente confiável" aos olhos das autoridades da época.

TABELA 7
EVOLUÇÃO DA ATIVIDADE DE FABRICAÇÃO DE REDES - EXCLUSIVE PARA PESCA
1970-1980

ESTADOS	ATIVIDADE EM 1970			PERDERAM A ATIVIDADE			MANTIVERAM A ATIVIDADE		
	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado
TOTAL	46	136	605	32	76	189	14	246	1 849
MA	6	15	55	5	11	32	1	2	8
PI	6	29	38	6	29	38			
CE	14	35	315	7	8	35	7	69	647
RN	9	29	94	6	6	23	3	31	193
PB	6	8	64	4	5	38	2	143	997
PE	5	20	39	4	17	23	1	1	4
AL									
SE									
BA									

ESTADOS	RECEBERAM A ATIVIDADE			ATIVIDADE EM 1980			INDICADOR DE TENDÊNCIA 70/80 DA ATIVIDADE
	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	
TOTAL	17	56	402	31	302	2 251	
MA	6	7	40	7	9	48	
PI							
CE	4	5	24	11	74	671	
RN	2	17	91	5	48	284	
PB	4	26	245	6	169	1 242	
PE				1	1	4	
AL							
SE							
BA	1	1	2	1	1	2	

FONTE - IBGE - Censos Industriais 1970 e 1980.

= Diminuiu

= Cresceu

= Estável

MAPA 3
 REGIÃO NORDESTE
 FABRICAÇÃO DE REDES - EXCLUSIVE PARA PESCA

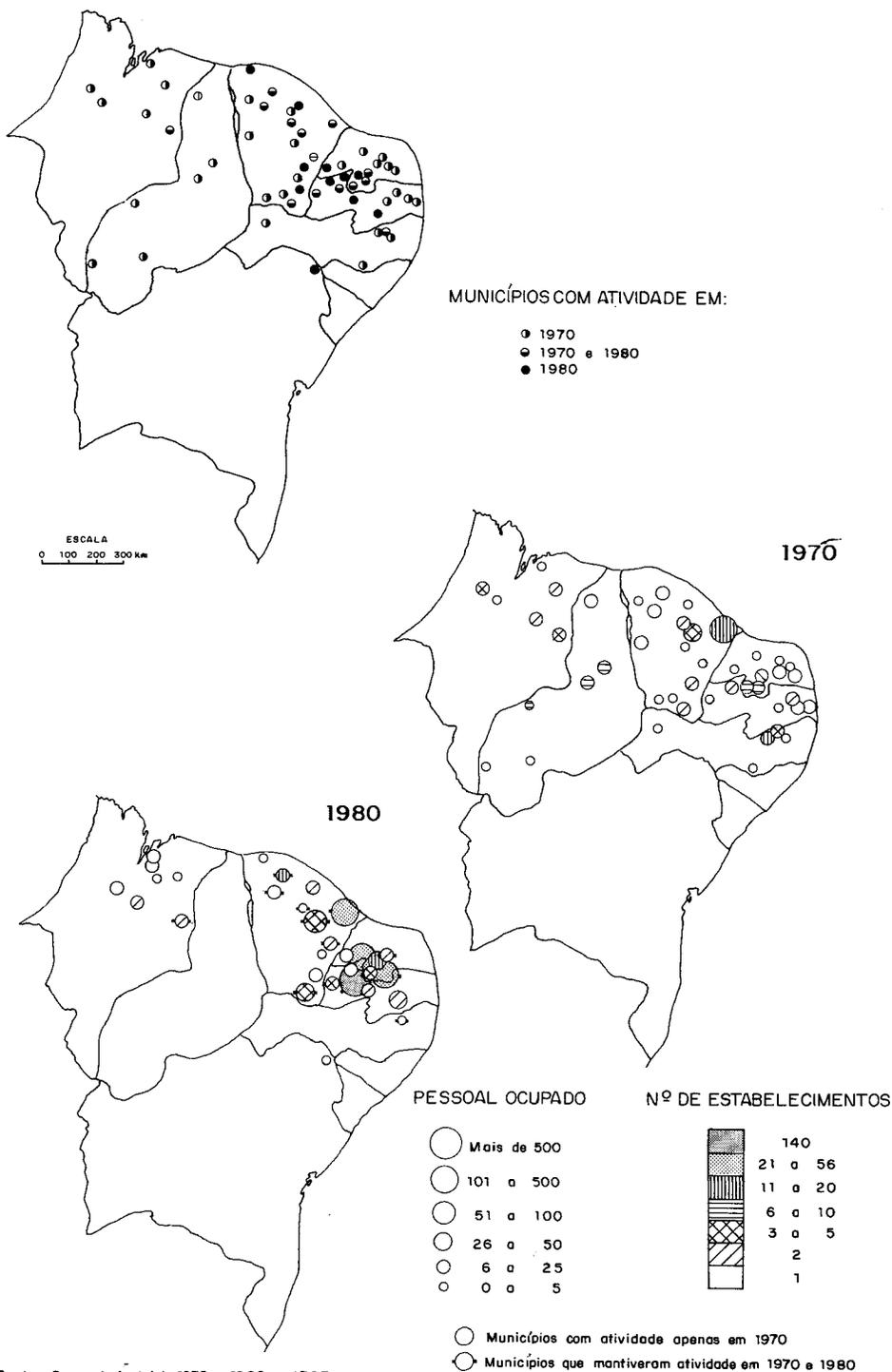


TABELA 8

ATIVIDADE: FABRICAÇÃO DE REDES - EXCLUSIVA PARA PESCA
NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E PESSOAL OCUPADO POR CLASSES
1970

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS						
		1	2	3 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 56	140
TOTAL	46	26	7	6	5	2		
MA	6	2	2	2				
PI	6	3			3			
CE	14	9	3	1		1		
RN	9	6		1	2			
PB	6	4	2					
PE	5	2		2		1		
AL								
SE								
BA								

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	PESSOAL OCUPADO					
		0 a 5	6 a 25	26 a 50	51 a 100	101 a 500	+ 500
TOTAL	46	20	24	1		1	
MA	6	2	4				
PI	6	3	3				
CE	14	6	6	1		1	
RN	9	4	5				
PB	6	2	4				
PE	5	3	2				
AL							
SE							
BA							

TABELA 9

ATIVIDADE: FABRICAÇÃO DE REDES - EXCLUSIVE PARA PESCA
 NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E PESSOAL OCUPADO POR CLASSES
 1980

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS						
		1	2	3 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 56	140
TOTAL	31	15	7	4		1	3	1
MA	7	5	2					
PI								
CE	11	6	2	2			1	
RN	5	1	1	1		1	1	
PB	6	1	2	1			1	1
PE	1	1						
AL								
SE								
BA	1	1						

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	PESSOAL OCUPADO					
		0 a 5	6 a 25	26 a 50	51 a 100	101 a 500	+ 500
TOTAL	31	7	16	2	2	3	1
MA	7	2	5				
PI							
CE	11	3	5	1	1	1	
RN	5		3		1	1	
PB	6		3	1		1	1
PE	1	1					
AL							
SE							
BA	1	1					

TABELA 10
EVOLUÇÃO DA ATIVIDADE DE FABRICAÇÃO DE ARTIGOS PIROTÉCNICOS
1970-1980

ESTADOS	ATIVIDADE EM 1970			PERDERAM A ATIVIDADE			MANTIVERAM A ATIVIDADE		
	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado
TOTAL	84	113	218	57	77	129	27	76	240
MA	1	1	2	1	1	2			
PI									
CE	5	5	4	4	4	3	1	1	2
RN	7	7	10	6	6	8	1	1	2
PB	5	6	29	3	4	6	2	12	59
PE	22	28	60	13	16	31	9	29	82
AL	16	27	48	9	17	30	7	13	47
SE	5	7	8	2	4	3	3	11	26
BA	23	32	57	19	25	46	4	9	22

ESTADOS	RECEBERAM A ATIVIDADE			ATIVIDADE EM 1980			INDICADOR DE TENDÊNCIA 70/80 DA ATIVIDADE
	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	
TOTAL	40	59	132	67	135	372	↑
MA	1	3	7	1	3	7	↔
PI							
CE	2	7	15	3	8	17	↑
RN	4	5	11	5	6	13	↔
PB	13	15	36	15	27	95	↑
PE	7	9	21	16	38	103	↑
AL	2	2	6	9	15	53	↔
SE				3	11	26	↑
BA	11	18	36	15	27	58	↔

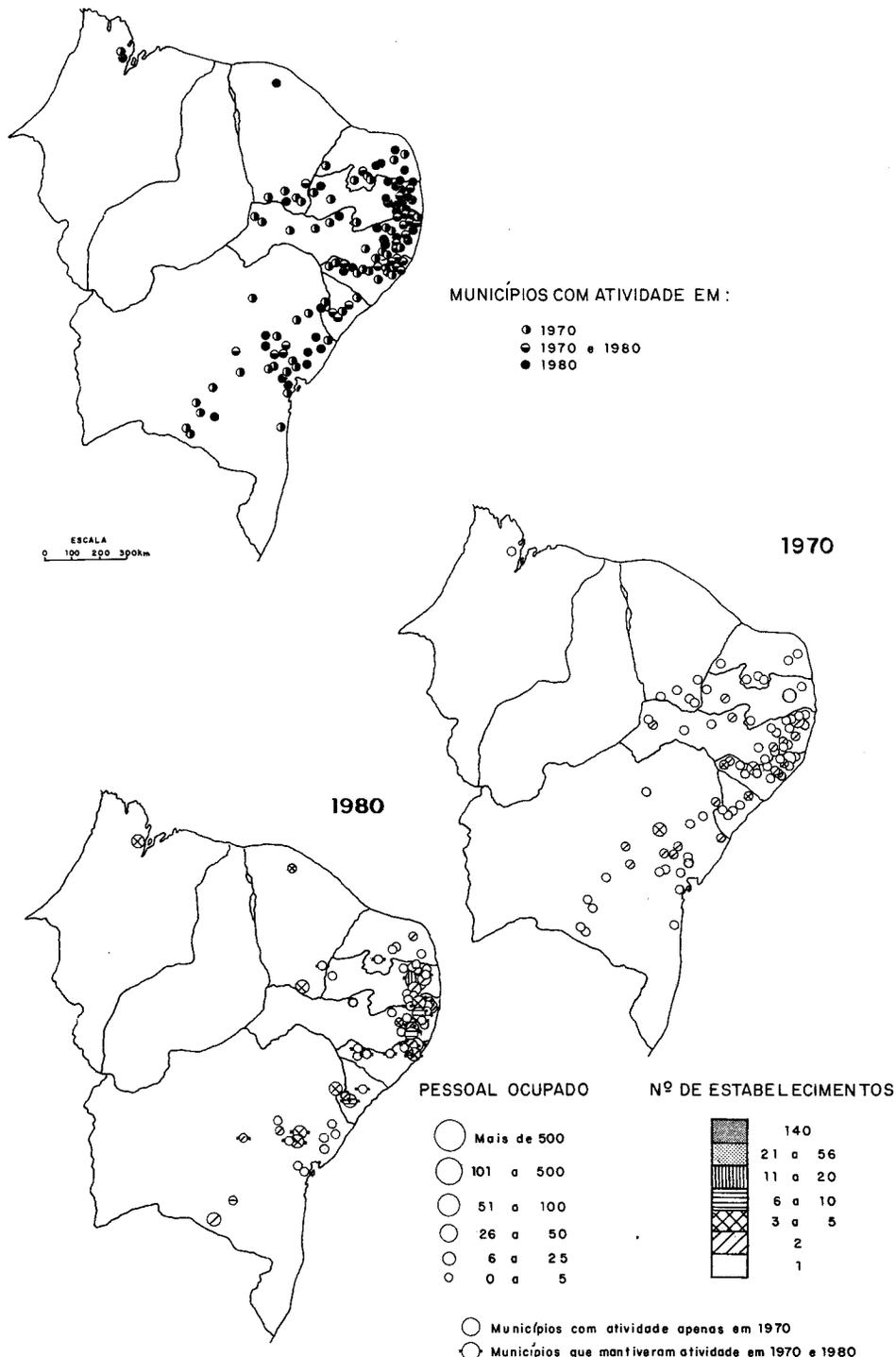
FONTES - IBGE - Censos Industriais 1970 e 1980.

↓ = Diminuiu

↑ = Cresceu

↔ = Estável

MAPA 4
 REGIÃO NORDESTE
 FABRICAÇÃO DE ARTIGOS PIROTÉCNICOS



Fonte - Censo Industrial 1970 e 1980 - IBGE

Cabe observar, além disso, a questão da acessibilidade, pois a proximidade das grandes metrópoles (Recife e Salvador) que aglutinam as funções de controle e fiscalização, além das de importação e distribuição das matérias-primas mais caras e perigosas, fez crescer a importância dessa indústria nos centros do Agreste e da Zona da Mata.

A concentração da atividade verificada a nível de municípios, tanto para 1970 e mais acentuadas em 1980, se faz sentir quando se analisa a distribuição do número de estabelecimentos e pessoal ocupado por municípios (Tabelas 11 e 12), pois nos referidos anos predominaram estabelecimentos únicos. O mesmo se verifica quanto ao pessoal ocupado, pois em 1970, dos 84 municípios com essa atividade, 94,0% detinham estabelecimentos na classe de 0 a 5 empregados. O mesmo padrão foi verificado para 1980, caracterizando uma relativa estabilidade nos estabelecimentos desse porte, fato que vem caracterizar, como já mencionado acima, que se trata de uma atividade absorvedora de pequena mão-de-obra e tipicamente familiar.

Se em 1970 Palmeira dos Índios, em Alagoas, e Conceição do Coité, na Bahia, destacavam-se dos demais municípios quanto ao pessoal ocupado e o número de estabelecimentos nessa atividade, em 1980 pode-se distinguir dez municípios: Pilõesinhos, na Paraíba; Cupira e João Alfredo, em Pernambuco; Lagarto, em Sergipe; Machados, em Pernambuco; Parapiranga, Lamarão e Santa Bárbara, na Bahia; Murici, em Alagoas; e Barbalha, no Ceará.

A peculiaridade dessa atividade deve-se ao processo de aquisição das matérias-primas importadas destinadas à fabricação da pólvora. O salitre, o enxofre, o clorato de potássio, o pó de alumínio e o pó de antimônio são os produtos que dependem de importação e sua aquisição se dá corporativamente por intermédio das prefeituras que enviam os pedidos ao Ministério do Exército.

A matéria-prima local consiste em carvão vegetal de umbaúba ou mamoeiro, aguardente de cana que é misturada à pólvora, bambu para fabricação do estojo e barro para vedação do artefato.

Alguns centros desenvolvem essa atividade durante o ano todo, como Lagarto (SE) por exemplo. Outros só apresentam fabricação expressiva de fogos no período próximo às festas juninas.

Produção de Óleos Vegetais em Bruto

A atividade produtora de óleos vegetais em bruto é desenvolvida em unidades que realizam o esmagamento do caroço para separação do óleo e preparação da torta resultante do bagaço esmagado. São poucas as indústrias tradicionais que, além do esmagamento, refinam também o óleo. Existe uma variedade de matérias-primas que sofrem o processo de transformação em óleo, das quais as mais importantes para a economia nordestina são o algodão, a mamona, o babaçu, a oiticica e o dendê.

A localização da produção apresentou estabilidade entre 1970 e 1980 (Tabela 13/Mapa 5). Poucos municípios inauguraram novas fábricas de óleo e os que o fizeram estão localizados, em sua maioria, no Ceará e no Rio Grande do Norte. O processo de decadência da atividade, verificado em 25 municípios nordestinos, é resultado de um leque de causas que abrange a perda de importância de um determinado tipo de óleo no mercado nacional ou exterior, problemas tecnológicos com a produção agrícola e/ou com o beneficiamento do óleo e sua distribuição e dificuldades financeiras diversas por que podem passar os produtores rurais e os industriais do setor. Em consequência disso, não se pode afirmar que houve um processo concentrador da atividade, pois, para cada produto, as causas de expansão ou retração da atividade são diferentes.

É possível regionalizar, grosso modo, as principais áreas produtoras de óleos vegetais em bruto no Nordeste.

O algodão é ainda o principal fornecedor para essa atividade. Está disseminado por todo o Sertão, sendo que suas maiores concentrações acontecem no Ceará, na Paraíba e no Rio Grande do Norte. Já o óleo de babaçu, muito utilizado nas indústrias de sabões e sabonetes, tem nos Estados do Maranhão e Piauí a sua principal área de coleta, sendo responsável pela atividade extrativa vegetal, sobretudo no Maranhão, que conta com alguma infra-estrutura industrial para beneficiamento, principalmente em Caxias e Bacabal. No Estado do Piauí, os Municípios de União e Barras são os pólos de beneficiamento desse produto. A mamona (óleo usado como lubrificante na indústria aeronáutica, como fluido, nos sistemas de freios de automóveis e em diversos outros ramos da

TABELA 11
ATIVIDADE: FABRICAÇÃO DE ARTIGOS PIROTÉCNICOS
NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E PESSOAL OCUPADO POR CLASSES
1970

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS						
		1	2	3 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 56	140
TOTAL	84	62	17	5				
MA	1	1						
PI								
CE	5	5						
RN	7	7						
PB	5	4	1					
PE	22	16	6					
AL	16	10	3	3				
SE	5	4		1				
BA	23	15	7	1				

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	PESSOAL OCUPADO					
		0 a 5	6 a 25	26 a 50	51 a 100	101 a 500	+ 500
TOTAL	84	79	5				
MA	1	1					
PI							
CE	5	5					
RN	7	7					
PB	5	4	1				
PE	22	21	1				
AL	16	14	2				
SE	5	5					
BA	23	22	1				

TABELA 12
 ATIVIDADE: FABRICAÇÃO DE ARTIGOS PIROTÉCNICOS
 NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E PESSOAL OCUPADO POR CLASSES
 1980

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS						
		1	2	3 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 56	140
TOTAL	67	42	10	11	3	1		
MA	1			1				
PI								
CE	3	1		2				
RN	5	4	1					
PB	15	12	2			1		
PE	16	10	2	2	2			
AL	9	6	1	2				
SE	3	1	1		1			
BA	15	8	3	4				

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	PESSOAL OCUPADO					
		0 a 5	6 a 25	26 a 50	51 a 100	101 a 500	+ 500
TOTAL	67	48	18		1		
MA	1		1				
PI							
CE	3	2	1				
RN	5	5					
PB	15	12	2		1		
PE	16	10	6				
AL	9	6	3				
SE	3	2	1				
BA	15	11	4				

TABELA 13
EVOLUÇÃO DA ATIVIDADE DE PRODUÇÃO DE ÓLEOS VEGETAIS EM BRUTO
1970-1980

ESTADOS	ATIVIDADE EM 1970			PERDERAM A ATIVIDADE			MANTIVERAM A ATIVIDADE		
	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado
TOTAL	62	81	1 002	25	26	496	37	57	958
MA	10	15	154	2	2	12	8	18	381
PI	4	5	33	1	1	1	3	4	56
CE	15	18	147	5	5	56	10	15	234
RN	10	13	136	5	5	71	5	5	63
PB	9	12	111	3	3	35	6	9	117
PE	5	8	66	2	3	3	3	4	69
AL	2	2	12	2	2	12			
SE	2	3	20	1	1	8	1	1	10
BA	5	5	323	4	4	298	1	1	28

ESTADOS	RECEBERAM A ATIVIDADE			ATIVIDADE EM 1980			INDICADOR DE TENDÊNCIA 70/80 DA ATIVIDADE
	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	
TOTAL	23	27	892	60	82	1 431	↑
MA	3	4	75	11	22	456	↑
PI	2	2	29	5	6	85	↑
CE	5	5	38	15	20	272	↑
RN	5	5	49	10	10	112	↓
PB	2	2	90	8	11	207	↔
PE	4	5	159	7	9	228	↑
AL	1	3	422	1	1	3	↓
SE				1	1	10	↓
BA	1	1	30	2	2	58	↓

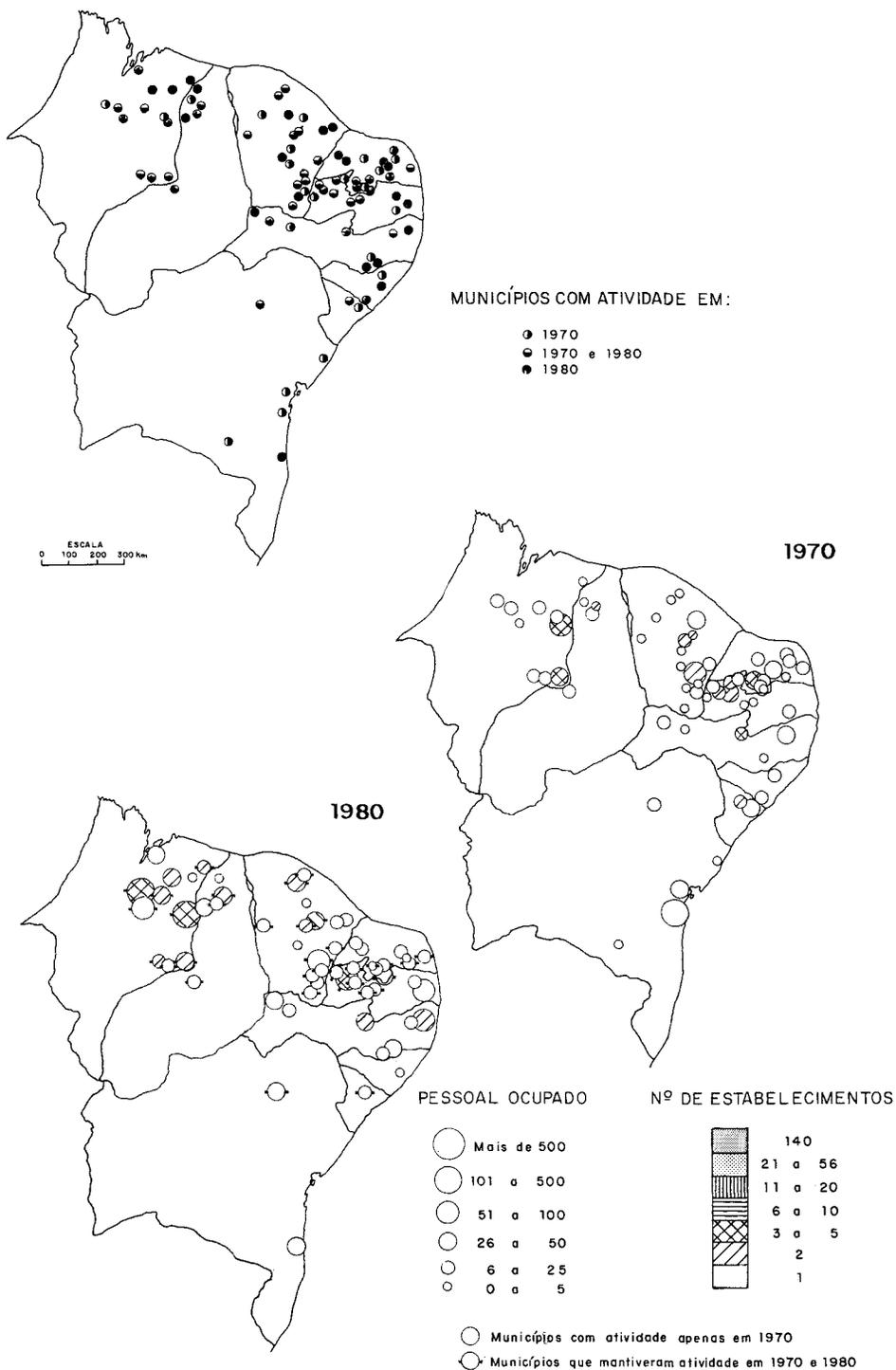
FONTE - IBGE - Censos Industriais 1970 e 1980.

↓ = Diminuiu

↑ = Cresceu

↔ = Estável

MAPA 5 REGIÃO NORDESTE PRODUÇÃO DE ÓLEOS VEGETAIS



química) tem a sua área de maior produção localizada no Sertão do Ceará. Devido à variada gama de utilidades, aliada à facilidade de cultivo, a mamona apresenta-se como uma boa alternativa de lavoura para a região. Finalmente, cabe mencionar a oiticica da qual se extrai um óleo secante, com propriedades anticorrosivas, muito utilizado na fabricação de tintas e vernizes. Sua produção se concentra sobretudo no Sertão Cearense, sendo o Município de Sobral o mais importante pólo de fabricação de óleo.

Quanto à distribuição do número de estabelecimentos e pessoal ocupado nessa atividade pelos municípios do Nordeste, em se tratando da primeira variável para os anos de 1970 e 1980 (Tabelas 14 e 15), nota-se uma concentração de mais de 75,0% de estabelecimentos únicos, enquanto que para a segunda variável, se em 1970 a concentração verificava-se para os estabelecimentos que empregavam de 0 a 5 e de 6 a 25 empregados, perfazendo 85,5% dos municípios, em 1980, 76,7% dos 60 municípios com essa atividade detinham estabelecimentos nas classes de 6 a 25 e 26 a 50 empregados. Mais uma vez fica comprovado que esta atividade também participa com mão-de-obra reduzida e concentrada em pequeno número de estabelecimentos por município.

Quanto aos municípios que se destacaram na atividade de produção de óleos vegetais em bruto em 1970, podemos mencionar por ordem de importância: Caxias, no Maranhão; Orós, no Ceará; Senhor do Bonfim, na Bahia; e Barão de Grajaú e Coroatá, no Maranhão, enquanto para 1980 podemos distinguir os Municípios de Caxias e Bacabal, no Maranhão; Araripina, em Pernambuco; Orós, no Ceará; Souza, na Paraíba; Barão de Grajaú, no Maranhão; Itapagé, no Ceará; e União, no Piauí.

Fabricação de Farinha de Mandioca

O padrão espacial da atividade industrial da fabricação de farinha de mandioca apresentou um forte processo de desconcentração. Dos 72 municípios que possuíam indústrias de farinha em 1970 (Tabela 16/Mapa 6), 43 perderam essa atividade, 29 se mantiveram e em 87 novos municípios a atividade foi iniciada; portanto, a situação em 1980

mostrava um elenco de 116 municípios que fabricavam farinha de mandioca.

O padrão de distribuição desses municípios estendeu-se do Agreste para o Sertão. Os centros tradicionais, principalmente os dez do Agreste paraibano e pernambucano, mantiveram-se operantes, assim como alguns centros do Sertão como Uiraúna (PB); Ipubi e Araripina (PE); Ibotirama, Barreiras e Vitória da Conquista (BA). No entanto, entre 1970 e 1980, foram criadas novas unidades de fabricação em quase 40 centros do Sertão Nordestino, em aproximadamente 40 municípios do Agreste e mais oito centros do sul da Bahia.

A Tabela 16 mostra a evolução, por estado, do número de municípios que perderam ou ganharam estabelecimentos beneficiadores da mandioca entre 1970 e 1980.

Quanto à distribuição do número de estabelecimentos e pessoal ocupado pelos municípios (Tabelas 17 e 18) nos anos de 1970 e 1980, observa-se a predominância dos estabelecimentos únicos para ambos os períodos, enquanto o pessoal ocupado distribuiu-se nas faixas de 0 a 5 e 6 a 25 empregados. Em 1980, 18,0% dos municípios, correspondendo a um total de 21 centros, apresentaram estabelecimentos na faixa de 26 a 50 empregados, enquanto oito detinham esta atividade em estabelecimentos na faixa de 101 a 500.

Os municípios que mais se destacaram em 1970 nessa atividade quanto ao pessoal ocupado foram Jupi, Calçado, Lajedo e Pombos, em Pernambuco, e Vitória da Conquista, na Bahia. Em 1980, três municípios distinguiram-se dos demais, em função do pessoal ocupado na fabricação de farinha de mandioca: Feira Nova e Pombos, em Pernambuco, e Vitória da Conquista, na Bahia, seguidos de Passa e Fica, no Rio Grande do Norte; Sapé, na Paraíba; e Jupi, Araripina e Ipubi, em Pernambuco.

Para explicar a desconcentração espacial dessa atividade, podemos mencionar duas razões: uma de ordem tecnológica e outra de ordem sócio-econômica. A de ordem tecnológica vincula-se à introdução de uma nova forma de converter mandioca em farinha, sem as complicações e o trabalho extenuante exigido pela tecnologia primitiva, que era comumente utilizada pela família do produtor rural na própria fazenda.

TABELA 14

ATIVIDADE: PRODUÇÃO DE ÓLEOS VEGETAIS EM BRUTO
 NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E PESSOAL OCUPADO POR CLASSES
 1970

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS						
		1	2	3 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 56	140
TOTAL	62	49	9	4				
MA	10	8		2				
PI	4	3	1					
CE	15	12	3					
RN	10	9		1				
PB	9	6	3					
PE	5	3	1	1				
AL	2	2						
SE	2	1	1					
BA	5	5						

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	PESSOAL OCUPADO					
		0 a 5	6 a 25	26 a 50	51 a 100	101 a 500	+ 500
TOTAL	62	23	30	6	2	1	
MA	10	2	6	1	1		
PI	4	2	2				
CE	15	10	3	1	1		
RN	10	2	7	1			
PB	9	3	5	1			
PE	5	2	2	1			
AL	2		2				
SE	2		2				
BA	5	2	1	1		1	

TABELA 15
 ATIVIDADE: PRODUÇÃO DE ÓLEOS VEGETAIS EM BRUTO
 NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E PESSOAL OCUPADO POR CLASSES
 1980

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS						
		1	2	3 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 56	140
TOTAL	60	46	10	4				
MA	11	4	5	2				
PI	5	4	1					
CE	15	12	2	1				
RN	10	10						
PB	8	7		1				
PE	7	5	2					
AL	1	1						
SE	1	1						
BA	2	2						

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	PESSOAL OCUPADO					
		0 a 5	6 a 25	26 a 50	51 a 100	101 a 500	+ 500
TOTAL	60	7	32	14	5	2	
MA	11	1	3	4	1	2	
PI	5	1	2	2			
CE	15	2	10	2	1		
RN	10	2	7	1			
PB	8		6		2		
PE	7		3	3	1		
AL	1	1					
SE	1		1				
BA	2			2			

TABELA 16
EVOLUÇÃO DA ATIVIDADE DE FABRICAÇÃO DE FARINHA DE MANDIOCA
1970-1980

ESTADOS	ATIVIDADE EM 1970			PERDERAM A ATIVIDADE			MANTIVERAM A ATIVIDADE		
	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado
TOTAL	72	263	1 326	43	166	510	29	210	3 379
MA	3	4	5	2	3	3	1	1	1
PI	2	5	0	2	5	0			
CE	1	1	1	1	1	1			
RN	4	13	145	2	3	24	2	9	164
PB	15	96	163	9	71	92	6	57	253
PE	19	48	695	9	18	258	10	89	2 438
AL	2	2	6	2	2	6			
SE	8	25	71	5	12	34	3	6	22
BA	18	69	240	11	51	92	7	48	501

ESTADOS	RECEBERAM A ATIVIDADE			ATIVIDADE EM 1980			INDICADOR DE TENDÊNCIA 70/80 DA ATIVIDADE
	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	
TOTAL	87	153	1 386	116	363	4 765	↑
MA	8	10	41	9	11	42	↑
PI	8	8	58	8	8	58	↑
CE	3	9	28	3	9	28	↑
RN	7	17	452	9	26	616	↑
PB	8	18	71	14	75	324	↔
PE	15	18	163	25	107	2 601	↑
AL							↓
SE	12	36	121	15	42	143	↑
BA	26	37	452	33	85	953	↑

FONTE - IBGE - Censos Industriais 1970 e 1980.

↓ = Diminuiu

↑ = Cresceu

↔ = Estável

MAPA 6 REGIÃO NORDESTE FABRICAÇÃO DE FARINHA DE MANDIOCA

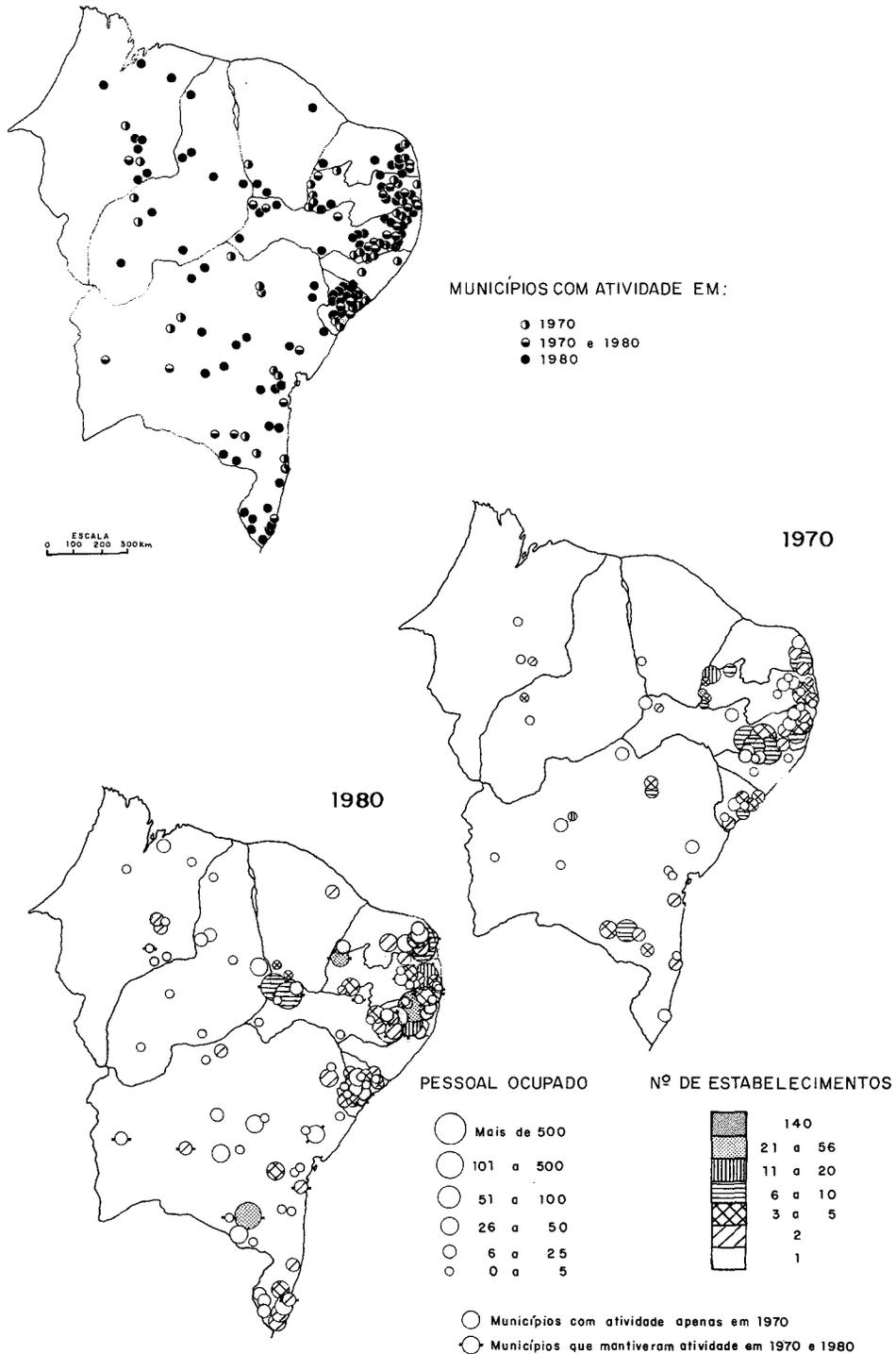


TABELA 17
ATIVIDADE: FABRICAÇÃO DE FARINHA DE MANDIOCA
NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E PESSOAL OCUPADO POR CLASSES
1970

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS						
		1	2	3 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 56	140
TOTAL	72	32	13	14	9	2	2	
MA	3	2	1					
PI	2	1		1				
CE	1	1						
RN	4	1	2		1			
PB	15	6	1	4	1	2	1	
PE	19	8	5	2	4			
AL	2	2						
SE	8	2	2	3	1			
BA	18	9	2	4	2		1	

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	PESSOAL OCUPADO					
		0 a 5	6 a 25	26 a 50	51 a 100	101 a 500	+ 500
TOTAL	72	29	33	3	5	3	
MA	3	3					
PI	2	2					
CE	1	1					
RN	4		3		1		
PB	15	9	4	1	1		
PE	19	3	10	1	2	3	
AL	2	2					
SE	8	2	6				
BA	18	6	10	1	1		

TABELA 18
ATIVIDADE: FABRICAÇÃO DE FARINHA DE MANDIOCA
NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E PESSOAL OCUPADO POR CLASSES
1980

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS						
		1	2	3 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 56	140
TOTAL	116	67	21	15	8	2	3	
MA	9	7	2					
PI	8	8						
CE	3		1	2				
RN	9	4	2	1	2			
PB	14	6	3	3		1	1	
PE	25	14	3	2	4	1	1	
AL								
SE	15	6	2	5	2			
BA	33	22	8	2			1	

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	PESSOAL OCUPADO					
		0 a 5	6 a 25	26 a 50	51 a 100	101 a 500	+ 500
TOTAL	116	44	38	21	4	8	1
MA	9	6	3				
PI	8	5	2	1			
CE	3	2	1				
RN	9		2	3	3	1	
PB	14	6	4	3		1	
PE	25	8	7	3	1	5	1
AL							
SE	15	6	8	1			
BA	33	11	11	10		1	

A nova tecnologia, porém, necessitava de uma imobilização de capital para a compra das máquinas, o que inviabilizava a difusão do processo no âmbito do estabelecimento rural. Essa restrição foi superada pela ação política de algumas prefeituras que adquiriram a tecnologia e implantaram o beneficiamento da mandioca no centro urbano de seus respectivos municípios. Em outros casos, alguns comerciantes urbanos também implantaram essa atividade nas cidades.

Em conseqüência, essas alterações refletiram-se espacialmente em dois arranjos: no plano regional houve a desconcentração dos centros especializados nessa atividade que, anteriormente, concentravam-se no Agreste. No plano local, pelo contrário, houve uma concentração da atividade que migrou da propriedade rural e centralizou-se na cidade, fazendo com que o agricultor leve sua produção do estabelecimento rural para a cidade, a fim de beneficiá-la.

Tais modificações alteraram substancialmente a escala de produção de farinha de mandioca e conseqüentemente sua estrutura de comercialização, tendo essa atividade apresentado o maior crescimento, tanto em número de estabelecimentos quanto em pessoal ocupado no período estudado.

Fabricação de Aguardente de Cana

Essa atividade ligada ao gênero Bebidas é a que mais se caracteriza como pequena produção, pois engloba as mais simples e pequenas destilarias de aguardente. Em 1980 (Tabela 19/Mapa 7) ela aparecia em 90 municípios nordestinos, com um total de 155 estabelecimentos e ocupando 1 181 pessoas.

Do total de estabelecimentos, 44 encontram-se no Ceará, 39 na Bahia, 26 na Paraíba, 16 em Pernambuco e 11 no Piauí.

O padrão espacial dessa atividade não acompanha, como se poderia pensar, a faixa concentrada da grande produção de cana para o açúcar e álcool que ocorre na Zona da Mata Nordeste. O binômio cana/aguardente apresenta até uma certa ubiquidade na Bahia e no Ceará, seguido do Piauí. Nos estados tradicionalmente produtores de cana, como Paraíba, Pernambuco e Sergipe, os municípios produtores de aguardente concentram-se no limite entre a Zona da Mata e o Agreste.

Essa ubiquidade é explicada pelos baixos níveis de demanda de matéria-prima por parte das destilarias de aguardente, o que permite sua dispersão espacial, uma vez que podem ser abastecidas pelos pequenos agricultores cujas atividades incluem a produção de cana-de-açúcar realizada em pequena escala.

Entretanto, é importante ressaltar que, quando se faz o cotejo com a situação de 1970, verifica-se que essa dispersão, embora ainda ocorra em 1980, não é tão acentuada, já que se constata uma tendência à concentração da produção nos limites da Zona da Mata com o Agreste. Os dados mostram que 106 municípios perderam suas destilarias e alambiques de aguardente; desses municípios, 50 encontram-se na área correspondente aos Estados do Maranhão e Piauí, enquanto na porção sul da Bahia foram detectados 20 unidades de observação que desativaram suas destilarias e alambiques.

Quanto à distribuição do número de estabelecimentos e pessoal ocupado por municípios (Tabelas 20 e 21), verificou-se para os anos de 1970 e 1980 uma concentração naqueles de estabelecimentos únicos seguidos dos de dois e três a cinco. Mais uma vez, o pessoal ocupado concentra-se nas classes mais baixas, denotando o pouco emprego de mão-de-obra por estabelecimentos nessa atividade, cabendo, para o ano de 1970, 51,4% do pessoal ocupado na classe de 0 a 5 empregados e 40,4% na de 6 a 25. Em 1980, a situação inverte-se, pois 47,8% encontravam-se na classe de 6 a 25 e 38,9% na de 0 a 5 empregados.

Enquanto em 1970 destacaram-se na fabricação de aguardente de cana os Municípios de Redenção (CE), Alagoa Nova (PB), Lagoa dos Gatos, Chã de Alegria e Glória do Goitá (PE); em 1980, com exceção de Redenção, novos municípios aparecem, tais como Ipojuca, Água Preta, Nazaré da Mata e Canhotinho, todos localizados em Pernambuco.

Como se pode verificar, esta atividade no período de dez anos passou por intenso processo de concentração e as explicações para o fenômeno podem variar; porém, todas possuem uma matriz comum, que é a invasão pela modernidade do esquema de auto-suficiência que vigora na economia municipal dessas áreas. Procurando-se expli-

TABELA 19
EVOLUÇÃO DA ATIVIDADE DE FABRICAÇÃO DE
AGUARDENTE DE CANA
1970-1980

ESTADOS	ATIVIDADE EM 1970			PERDERAM A ATIVIDADE			MANTIVERAM A ATIVIDADE		
	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado
TOTAL	146	401	1 561	106	246	848	40	80	594
MA	32	89	360	29	80	325	3	6	35
PI	25	68	147	21	57	136	4	6	27
CE	18	62	349	9	15	111	9	26	202
RN	4	4	37	3	3	33	1	1	7
PB	20	66	274	9	24	63	11	24	240
PE	10	22	176	6	12	55	4	4	46
AL	1	1	2	1	1	2			
SE	3	4	10	1	1	5	2	2	6
BA	33	85	206	27	53	118	6	11	31

ESTADOS	RECEBERAM A ATIVIDADE			ATIVIDADE EM 1980			INDICADOR DE TENDÊNCIA 70/80 DA ATIVIDADE
	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	
TOTAL	50	75	587	90	155	1 181	↓
MA	2	3	14	5	9	49	↓
PI	4	5	11	8	11	38	↓
CE	7	18	69	16	44	271	↓
RN				1	1	7	↓
PB	1	2	85	12	26	325	↔
PE	10	12	238	14	16	284	↔
AL	3	4	26	3	4	26	↑
SE	3	3	20	5	5	26	↔
BA	20	28	124	26	39	155	↓

FONTE - IBGE - Censos Industriais 1970 e 1980.

↓ = Diminuiu

↑ = Cresceu

↔ = Estável

MAPA 7 REGIÃO NORDESTE FABRICAÇÃO DE AGUARDENTE DE CANA

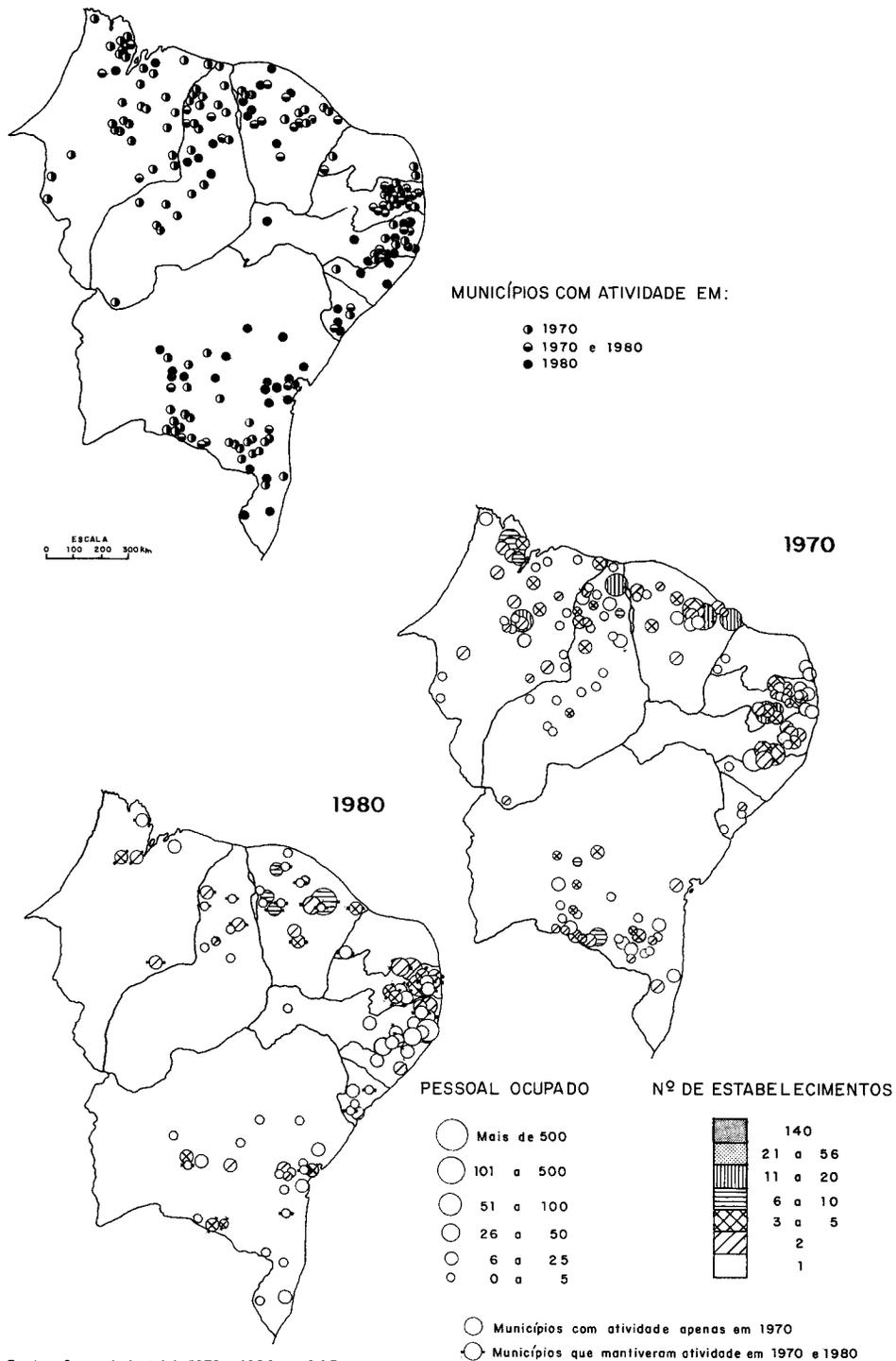


TABELA 20
ATIVIDADE: FABRICAÇÃO DE AGUARDENTE DE CANA
NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E PESSOAL OCUPADO POR CLASSES
1970

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS						
		1	2	3 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 56	140
TOTAL	146	67	38	28	6	7		
MA	32	13	10	5	3	1		
PI	25	15	3	5	1	1		
CE	18	7	6	3		2		
RN	4	4						
PB	20	8	5	5		2		
PE	10	3	4	3				
AL	1	1						
SE	3	2	1					
BA	33	14	9	7	2	1		

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	PESSOAL OCUPADO					
		0 a 5	6 a 25	26 a 50	51 a 100	101 a 500	+ 500
TOTAL	146	75	59	5	6	1	
MA	32	16	13	1	2		
PI	25	19	5		1		
CE	18	6	9		2	1	
RN	4	2	2				
PB	20	8	10	1	1		
PE	10	1	7	2			
AL	1	1					
SE	3	3					
BA	33	19	13	1			

TABELA 21
ATIVIDADE: FABRICAÇÃO DE AGUARDENTE DE CANA
NÚMERO DE ESTABELECEMENTOS E PESSOAL OCUPADO POR CLASSES
1980

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	NÚMERO DE ESTABELECEMENTOS						
		1	2	3 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 56	140
TOTAL	90	57	18	11	4			
MA	5	2	2	1				
PI	8	5	3					
CE	16	8	2	2	4			
RN	1	1						
PB	12	4	4	4				
PE	14	12	2					
AL	3	2	1					
SE	5	5						
BA	26	18	4	4				

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	PESSOAL OCUPADO					
		0 a 5	6 a 25	26 a 50	51 a 100	101 a 500	+ 500
TOTAL	90	35	43	9	2	1	
MA	5		5				
PI	8	6	2				
CE	16	8	6	1		1	
RN	1		1				
PB	12		7	4	1		
PE	14	1	8	4	1		
AL	3		3				
SE	5	3	2				
BA	26	17	9				

citar alguns desses aspectos, pode-se mencionar as seguintes transformações: introdução de novos tipos de cultivos agrícolas mais rentáveis, substituindo as lavouras tradicionais, desenvolvidas pelos pequenos produtores, entre as quais figurava a cana-de-açúcar; retração do mercado consumidor de aguardente oriunda de pequenos alambiques, em face das novas e agressivas estratégias de distribuição e preços desencadeadas pelas grandes destilarias de alcance regional e até mesmo nacional - caso da Pitu; tendência dos pequenos fabricantes a se retirarem de cena devido à dificuldade de arcarem com os elevados custos de embalagem e distribuição do produto requeridas pelas práticas modernas de comercialização.

É provável, portanto, que esse processo concentrador seja um reflexo de uma combinação de causas. O fato é que a fabricação de aguardente é uma atividade regida sobretudo pelas forças do mercado, diferentemente da maior parte da produção de açúcar e álcool, que era subsidiada e controlada por agências do Governo Federal e por bancos de fomento estaduais. E essa submissão à lógica capitalista traz como resultado espacial uma tendência à concentração dessa atividade de cunho quase artesanal que, no caso nordestino, está se aglutinando num conjunto de municípios do espaço agrestino de contato com a Zona da Mata. Esses municípios, além de possuírem empresas que garantem os insumos industriais necessários, tais como garrafas, chapinhas, rótulos e caixas, estão próximos aos produtores de cana de porte médio, que encaminham sua produção, tanto para as grandes usinas quanto para as destilarias.

Fabricação de Açúcar Bruto ou Instantâneo - Inclusive Rapadura e Melado

Esta atividade ligada ao gênero alimentar, atrelada à fabricação e refinação de açúcar e situada dentro do conjunto de indústrias que operam com a cana-de-açúcar, é outra que, juntamente com a fabricação de aguardente de cana, se caracteriza como pequena produção, pois engloba os mais simples engenhos de fabricação de rapadura, melado e açúcar mascavo.

Em 1980 (Tabela 22/Mapa 8), 221 engenhos estavam operando em 40 municípios e ocupando 1 238 pessoas. Cabe ao Estado da Paraíba a maior concentração dessa atividade, pois contava a mesma em 28 municípios com 191 engenhos com 1 097 empregados, correspondendo em percentuais a 70,0%, 86,4% e 88,6% respectivamente desses totais da região.

Quanto à distribuição do número de estabelecimentos e pessoal ocupado por municípios (Tabelas 23 e 24), verificou-se para os dois anos analisados uma concentração, de modo geral, nas classes inferiores a dez estabelecimentos, enquanto para o pessoal ocupado esta concentração ainda é mais acentuada nas duas classes mais baixas.

Convém destacar a participação nessa atividade, em 1980, dos municípios paraibanos de Areia Branca, Serraria, Borborema e Alagoa Nova, localizados no Agreste, no que se refere aos seus totais de pessoal ocupado e número de estabelecimentos.

O padrão espacial das usinas de açúcar reflete muito bem a dicotomia que existe entre a grande usina da Zona da Mata que se estende do Ceará até Sergipe e que reaparece no Recôncavo Baiano e os pequenos engenhos, que se está analisando, que ocorrem no Agreste paraibano, ainda mesclados com usinas de grande porte e principalmente no Sertão da Paraíba, mais precisamente na Depressão do Alto Piranhas e, em menor escala, no Sertão Pernambucano, fronteira com esse estado.

A comparação com os dados do Censo Industrial de 1970 mostra um processo semelhante ao da produção de aguardente (Mapa 7), porém com intensidade bem maior. Este processo de concentração foi bastante acentuado, pois em 1970 operavam na Região Nordeste 612 engenhos distribuídos por 103 municípios e empregando um contingente de 2 960 empregados. Desse total, 305 engenhos desapareceram na década de 70 em 74 municípios. O fato pode ser exemplificado, quando se observam atentamente algumas áreas como o Sertão paraibano, delimitada entre as Chapadas do Apodi, Araripe e o alto curso do Piranhas que em 1970 contava com 38 municípios que possuíam engenhos, geralmente de pequeno porte e que em 1980 reduziram esse número para 17.

No Piauí, dos 11 municípios que possuíam engenhos em 1970, só restaram quatro em

TABELA 22
EVOLUÇÃO DA ATIVIDADE: FABRICAÇÃO DE AÇÚCAR BRUTO OU
INSTANTÂNEO INCLUSIVE RAPADURA E MELADO
1970-1980

ESTADOS	ATIVIDADE EM 1970			PERDERAM A ATIVIDADE			MANTIVERAM A ATIVIDADE		
	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado
TOTAL	103	612	2 960	74	305	1 048	29	307	1 912
MA	7	20	88	7	20	88			
PI	11	17	61	9	10	27	2	7	34
CE	9	110	352	9	110	352			
RN	6	11	137	5	9	74	1	2	63
PB	55	411	2 079	30	115	299	25	296	1 780
PE	6	32	188	6	32	188			
AL	2	3	38	1	1	3	1	2	35
SE	2	2	6	2	2	6			
BA	5	6	11	5	6	11			

ESTADOS	RECEBERAM A ATIVIDADE			ATIVIDADE EM 1980			INDICADOR DE TENDÊNCIA 70/80 DA ATIVIDADE
	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Número de Municípios	Número de Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	
TOTAL	10	25	98	40	221	1 238	↓
MA							↓
PI	2	3	11	4	7	32	↓
CE							↓
RN				1	2	38	↓
PB	2	2	16	28	191	1 097	↓
PE	5	18	59	5	18	59	↓
AL				1	1		↓
SE	1	2	12	1	2	12	↔
BA							↓

FONTE - IBGE - Censos Industriais 1970 e 1980.

↓ = Diminuiu

↑ = Cresceu

↔ = Estável

MAPA 8
 REGIÃO NORDESTE
 FABRICAÇÃO DE AÇÚCAR BRUTO OU INSTANTÂNEO
 INCLUSIVE RAPADURA E MELADO

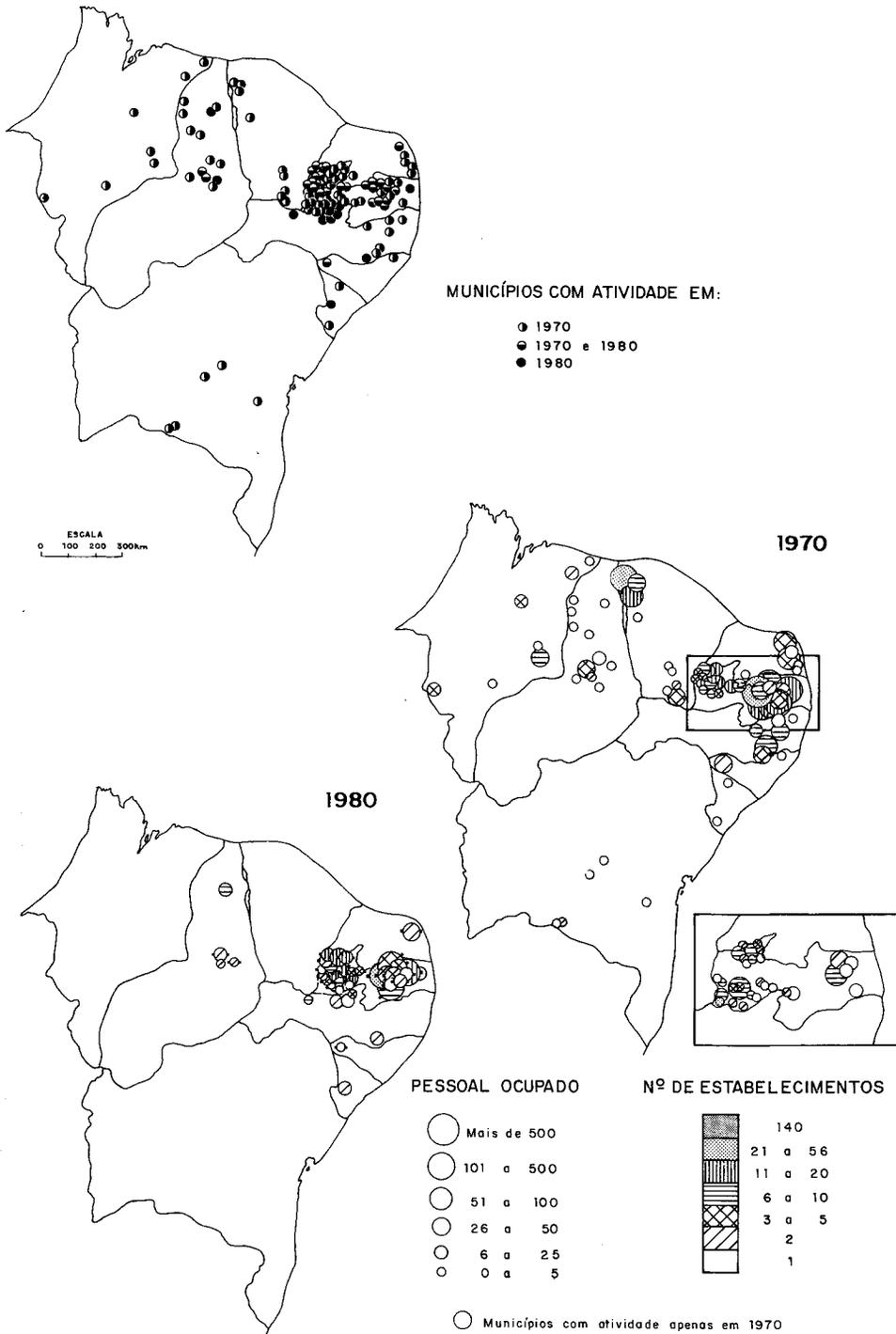


TABELA 23

ATIVIDADE: FABRICAÇÃO DE AÇÚCAR BRUTO OU INSTANTÂNEO
INCLUSIVE RAPADURA E MELADO
NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E PESSOAL OCUPADO POR CLASSES
1970

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS						
		1	2	3 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 56	140
TOTAL	103	37	17	13	21	11	4	
MA	7	3	1	2	1			
PI	11	8	2	1				
CE	9	3	1	1	1	1	2	
RN	6	4	1	1				
PB	55	10	10	7	16	10	2	
PE	6	2		1	3			
AL	2	1	1					
SE	2	2						
BA	5	4	1					

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	PESSOAL OCUPADO					
		0 a 5	6 a 25	26 a 50	51 a 100	101 a 500	+ 500
TOTAL	103	56	23	10	7	6	1
MA	7	3	3	1			
PI	11	9	1	1			
CE	9	5		2	1	1	
RN	6	3	1		2		
PB	55	27	16	3	3	5	1
PE	6	1	2	2	1		
AL	2	1		1			
SE	2	2					
BA	5	5					

TABELA 24

ATIVIDADE: FABRICAÇÃO DE AÇÚCAR BRUTO OU INSTANTÂNEO
INCLUSIVE RAPADURA E MELADO
NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E PESSOAL OCUPADO POR CLASSES
1980

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS						
		1	2	3 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 56	140
TOTAL	40	10	11	7	4	7	1	
MA								
PI	4	1	3					
CE								
RN	1		1					
PB	28	7	4	6	3	7	1	
PE	5	1	2	1	1			
AL	1	1						
SE	1		1					
BA								

ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	PESSOAL OCUPADO					
		0 a 5	6 a 25	26 a 50	51 a 100	101 a 500	+ 500
TOTAL	40	12	17	6	1	4	
MA							
PI	4	2	2				
CE							
RN	1			1			
PB	28	7	11	5	1	4	
PE	5	2	3				
AL	1	1					
SE	1		1				
BA							

1980, enquanto no Rio Grande do Norte de seis municípios somente um permaneceu com essa atividade. Em Pernambuco cinco novos municípios apareceram em 1980 contra seis que perderam seus engenhos. Alagoas permaneceu com um município e em Sergipe um município recebeu essa atividade contra dois que a perderam.

Os Estados do Maranhão, Ceará e Bahia, que contavam com um total de 21 municípios com 136 engenhos, perderam totalmente essa atividade na década de 70.

Da mesma forma que a fabricação de aguardente, a pequena produção de rapadura e açúcar mascavo está se reduzindo em virtude da modernização das estruturas de comercialização do açúcar refinado que é produzido na Zona da Mata. Os Municípios que ainda hoje possuem pequenos engenhos tenderão a perdê-los a médio prazo, pressionados por estratégias de distribuição de açúcar cristalizado e refinado orientadas pelas grandes usinas, estruturadas em cima do aparecimento das pequenas redes de supermercados regionais e mercearias que já se espalharam pelo interior do Nordeste. A comercialização do açúcar mascavo e rapadura ainda tem sua força nas pequenas "vendias e bodegas", geralmente vinculadas às fazendas detentoras dos engenhos e nas feiras semanais dos centros sub-regionais e de zona, sendo o seu consumidor típico a população de baixa renda circunscrita ao espaço local do município.

É possível, porém, conjecturar que, no futuro, com o crescimento do consumo dos produtos naturais de alimentação, essa atividade possa adquirir condições para reverter a tendência de queda. Entretanto, pode-se argumentar que esse boom consumista possa ainda levar muito tempo para consolidar-se no Nordeste.

CONCLUSÕES

O papel de determinadas atividades industriais, consideradas típicas de circuito inferior ou do circuito superior marginal da economia (Santos 1979), não deve ser menosprezado, pois envolve pequenos e médios estabelecimentos fabris que ou estão intimamente ligados à produção rural local, ou vinculam-

se a algumas funções urbanas características de localidades centrais de porte médio e pequeno, contribuindo para a formação de uma parte da mão-de-obra industrial em suas primeiras fases de qualificação, além de iniciar a organização das primeiras etapas de um mercado, que envolve a produção de matérias-primas rurais ou não, sua comercialização, transformação e posterior distribuição, mesmo que seja qualificado como incipiente, quando comparado com mercados mais importantes ou modernos.

Uma parte desse conjunto de atividades industriais no Nordeste começa a sofrer reduções, tanto em termos espaciais quanto ao número de estabelecimentos ou pessoal ocupado, caso que pode ser exemplificado com as pequenas fábricas de aguardente e as antigas usinas produtoras de rapadura e melado, que sofrem uma concorrência das grandes usinas surgidas do Pró-Álcool que lhes tiram os fornecedores de cana e que mostram um processo de desaparecimento. Um processo semelhante ocorre com as pequenas tecelagens, que operavam com as fibras naturais da região e que foram desaparecendo no decorrer da década de 70; as que cresceram trabalham fundamentalmente com fios sintéticos, normalmente importados do Sudeste.

A modernização tecnológica e o direcionamento do grande capital industrial para processos produtivos mais complexos que envolvem ligações fortes com uma estrutura de comercialização de larga escala - o marketing -, além de relações com o aparelho de Estado, via agências financiadoras de desenvolvimento intermediadas pelo sistema bancário público e privado, estão alijando do mercado essas pequenas indústrias e gerando um processo concentrador caracterizado:

a) em termos de tamanho da indústria - pelas empresas de maior porte que possuem condições de acesso aos créditos governamentais ou privados (o exemplo do Pró-Álcool é emblemático); e

b) em termos espaciais - privilegiando a Zona da Mata e a fronteira imediata com o Agreste em detrimento das áreas interiores do Agreste e do Sertão.

Não se trata de uma defesa romântica da pequena indústria, mas sim de alertar aos pesquisadores e aos tomadores de decisões nas diversas instâncias de governo, que o papel da pequena e média indústrias deve ser incentivado, pois em regiões com gran-

des problemas econômicos e sociais a alocação de grandes capitais na indústria implica, na visão da maioria do empresariado, muito risco, ficando, por isso mesmo, especialmente restrita às metrópoles ou a áreas muito especializadas. Neste contexto, a pequena e média empresas garantem a capilaridade

da economia regional, criando espaços produtivos e de consumo em áreas anteriormente vazias. Suas relações com o circuito superior ainda não estão totalmente desvendadas e por isso mesmo não devem ser deixadas de lado tanto pelos economistas quanto pelos geógrafos.

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, José Roberto M. de.; GALVÃO, A. C. A Política de Industrialização do Nordeste em Face da Crise Econômica Brasileira. *Revista Econômica do Nordeste*. Fortaleza: ETENE, 15(3):381-410, jul./set., 1984.
- BRITO, Maristella de A.; CHMAIALIK, Marília de S. da G. L.; OLIVEIRA, T. M. R. de. A Evolução da Agricultura na Região Nordeste na Década de 70. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, 49(1):47-106, jan./mar., 1987.
- FERRARI, Onorina Fátima. A Organização Espacial do Agreste e do Sertão de Alagoas: a redefinição dos centros urbanos. Tese de Mestrado, UFRJ, Instituto de Geociências. Rio de Janeiro, 1985, 162 p. (datilografado).
- FURTADO, José Maria. Ninguém me Ama, Ninguém me Quer. *Revista Exame*. São Paulo: Abril, 21(17), p. 30, ed. 434, 23 ago. 1989.
- MAIMON, Dália; BAER, W.; GEIGER, Pedro P. O Impacto Regional das Políticas Econômicas do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, 39(3):3-53, jul./set., 1977.
- MOREIRA, Raimundo. *O Nordeste Brasileiro: uma política regional de industrialização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, 170 p.
- NETO, Leonardo G. O Programa de Desenvolvimento Industrial do Nordeste. In: DESIGUALDADES REGIONAIS NO DESENVOLVIMENTO BRASILEIRO. Recife: SUDENE, v.3, p.1-86, 1984.
- _____. Notas Sobre Emprego e Indústria no Nordeste. *Revista Econômica do Nordeste*. Fortaleza, BNB, 15(3):535-574, jul./set., 1984.
- REDWOOD III, John. Incentivos Fiscais, Empresas Extra-regionais e a Industrialização Recente do Nordeste Brasileiro. *Estudos Econômicos*. São Paulo: IPE/USP, 14(1):119-143, jan./abr., 1984.
- SANTOS, Milton. Passado e Presente das Relações Entre Sociedade e Espaço e Localização Pontual da Indústria Moderna no Estado da Bahia. *Boletim Paulista*. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, n.65, p.5-28, 2º sem. 1987.
- _____. *O Espaço Dividido*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979, 345 p.

RESUMO

O trabalho procura analisar algumas atividades industriais que apresentam importância e tradição no âmbito regional e que aparecem em determinados municípios nordestinos, mas que não participam diretamente do Circuito Superior, em virtude de apresentarem um pequeno contingente de pessoal ocupado, número de estabelecimentos e valor da transformação industrial baixo.

As oito atividades selecionadas, que envolvem pequenos e médios estabelecimentos fabris, foram estudadas à luz de seus padrões espaciais de localização em 70 e 80 e de suas articulações, seja com o mundo rural, seja com as funções de centralidade urbana que caracterizam as cidades onde elas se localizam.

ABSTRACT

This paper intends to analyse some industrial activities expressing tradition and importance at regional sphere, which appear in some cities of Brazilian Northeastern Region, though not taking direct participation on the Superior Circuit, as they happen to present a small contingent of occupied personnel, small number of establishments and low industry transformation value.

These eight selected activities which involve small and medium factory establishments have been studied through their spatial patterns of location both in the seventies and eighties and also through their articulations with the rural world as well as with the functions of urban centrality of each city where they are located.